

Análise Coletiva do Trabalho de pescadores-mergulhadores de Lagosta Brasileiros



Leda Leal Ferreira
Sandra Donatelli
Francisco Alves dos Reis Junior

Leda Leal Ferreira
Sandra Donatelli
Francisco Alves dos Reis Junior

Análise Coletiva do Trabalho
de
pescadores-mergulhadores de lagosta
brasileiros

MINISTÉRIO
DO TRABALHO E EMPREGO



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JOVEM SUPRAFESTIVEIRO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO



Detegacia Regional do trabalho -RN

São Paulo

2003

Leda Leal Ferreira

Médica e Chefe da Divisão de Ergonomia da Fundacentro
São Paulo

Sandra Donatelli

Pedagoga e Técnica da Divisão de Ergonomia da Fundacentro.
São Paulo

Francisco Alves dos Reis Junior

Médico e Auditor Fiscal do Trabalho da Delegacia Regional do Trabalho
Rio Grande do Norte

CATALOGAÇÃO NA FONTE: DDB - FUNDACENTRO

Ferreira, Leda L. ; Donatelli, S. ; Reis Junior, F.A.

Análise coletiva do trabalho de pescadores-mergulhadores de lagosta brasileiros/ Leda Leal Ferreira ; Sandra Donatelli ; Francisco Alves Reis Junior. São Paulo Fundacentro/Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Norte, 2003, 87 p.

1. Pesca de lagosta. 2. Doença descompressiva. 3. Trabalho. 4. Mergulho. I. Título

CDU 331.574.62:565.3

CIS/OIT K Jwd Mh.

Agradecimentos:

Aos pescadores que participaram deste estudo
e às crianças que ilustraram este livro

Sumário

Introdução	5
Parte I	
A pesca da lagosta "com compressores"	13
A pesca da lagosta "no peito" ou "mergulho livre"	21
O defeso: proibição dentro da proibição	25
Relações de trabalho tempestuosas	29
Parte II	
Pressão, compressão, decompressão	39
Outros perigos do mergulho	55
Outros perigos do mar	59
Parte III	
História da pesca da lagosta por mergulho com o uso do compressor	65
Pesca artesanal x pesca industrial da lagosta	69
Propostas dos pescadores para mudar a situação	73
Parte IV	
Conclusões	83

Introdução

É uma história de pescadores, contada por eles mesmos, a que vamos apresentar aqui. Uma história verdadeira, que começou há muitos anos, mais precisamente quando alguém teve a idéia de pescar lagostas “*com compressores*” no litoral brasileiro.

As lagostas estavam escasseando na costa e para pescá-las era preciso ir a águas cada vez mais profundas. Então, alguém teve a idéia de imitar os mergulhadores profissionais, que descem às profundezas do mar munidos de equipamentos de ar.

Sem condições para comprar os equipamentos caros e sofisticados de mergulho, inventou-se o “*mergulho com compressor*”. Fácil e barato. Mas mortal. A coisa funciona assim: ao motor do barco se acopla um compressor de ar, por meio de uma correia. O ar produzido é levado por uma mangueira, na extremidade da qual se acopla uma válvula e depois uma boquilha. O pescador mergulhador, com esta espécie de chupeta na boca, mergulha no mar, à procura das lagostas. Pode ir até a 40 metros de profundidade e se locomover por uma grande área, já que as mangueiras podem ter até 300 metros de comprimento.

Desde que este engenho foi criado, centenas de pescadores-mergulhadores morreram ou ficaram aleijados. Em um levantamento realizado em 2000 pela Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Norte, onde foram entrevistados 125 pescadores de lagosta que praticavam a pesca por mergulho em três localidades do Estado, 105 afirmaram já ter sofrido, ao menos, um acidente com seqüelas, desde dores nas articulações até a paraplegia.

Em 1995, a pesca com compressores foi proibida, mas a prática não foi extinta. Continua a ser praticada por centenas (ou milhares?) de pescadores nas costas nordestinas.¹ Apenas se tornou, além de perigosa, clandestina, isto é, ainda mais difícil de ser combatida: além do perigo da atividade, os pescadores passaram a temer a fiscalização.

Dá a maior dificuldade de se compreender melhor o problema, de encontrar pescadores dispostos a falar sobre seu trabalho sem temores. Dá também nosso cuidado em manter os protagonistas de nossa história no anonimato. Esta foi, aliás, a primeira condição que lhes apresentamos para falar conosco.

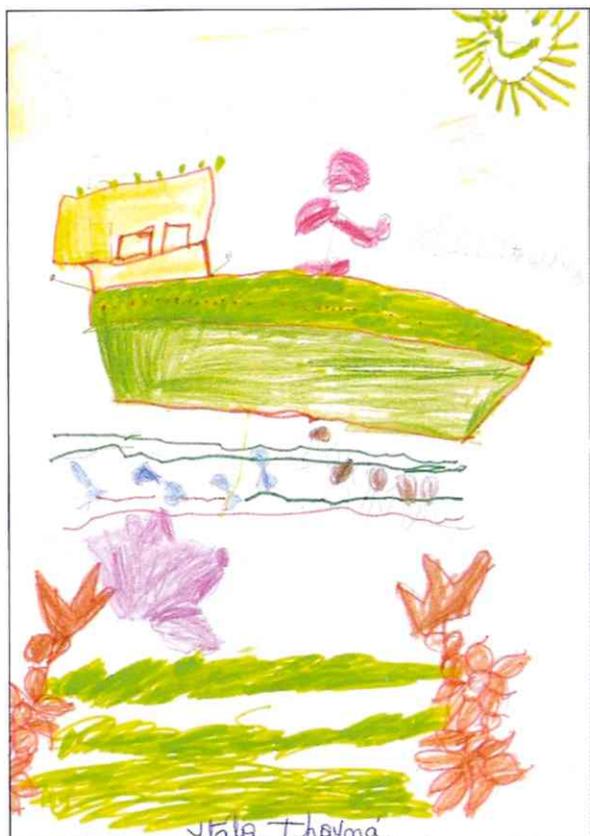
Nosso objetivo era compreender o trabalho dos pescadores de lagosta praticado por mergulho. Queríamos saber como e porque o realizavam, como enfrentavam as dificuldades que lhes eram colocadas, quais eram as suas aspirações e as suas propostas para aliviar a difícil situação em que trabalhavam. Por isso, adotamos a Análise Coletiva do Trabalho, um método de análise do trabalho onde são os próprios trabalhadores, ajudados por pesquisadores, que analisam seu trabalho, em reuniões de grupo. Todos os participantes são voluntários.

Nossa análise teve várias fases. Na primeira, realizamos três reuniões, no início de maio de 2001, em duas colônias de pescadores do Rio Grande do Norte. Cerca de vinte e cinco pessoas aceitaram conversar conosco e nos contar como era o seu trabalho. As

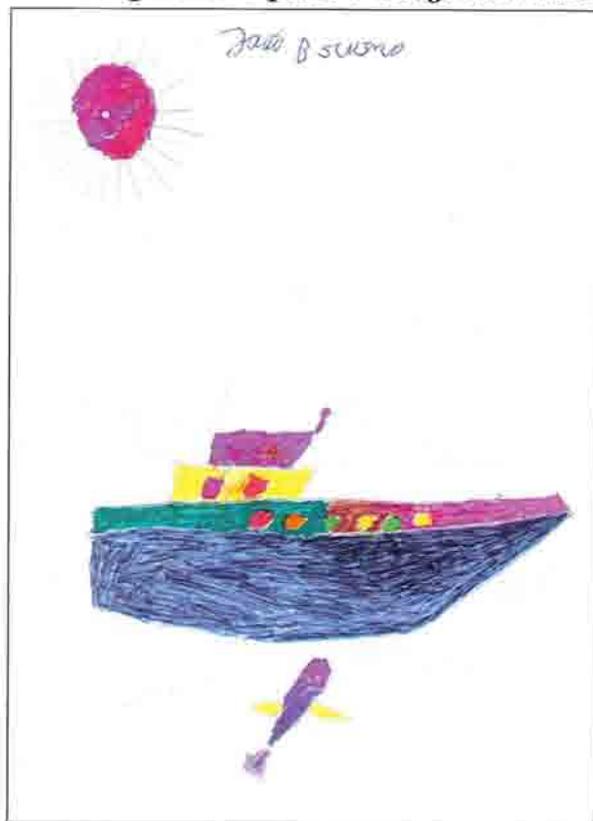
¹ Segundo dados do IBAMA, no ano de 2001, cerca de 815 embarcações, entre botes a motor, jangadas a vela e botes a vela compunham a frota lagosteira do Estado do RN em mais de 31 localidades. Destas, quase a metade pescava com o uso do compressor.

conversas foram vivas e giraram em torno da pergunta “**o que você faz no seu trabalho?**”, que é o fio condutor da Análise Coletiva do Trabalho.

Em seguida, as fitas, gravadas com o consentimento dos pescadores durante as reuniões, foram ouvidas e transcritas e, a partir delas, redigimos um “relatório preliminar”. Neste período também foram feitas várias pesquisas bibliográficas sobre o tema, além de contatos com pessoas e instituições envolvidas com a atividade.



Quase um ano depois, em abril de 2002, voltamos às duas colônias para apresentar este relatório, como havíamos prometido. Um número bem maior de pescadores (cinquenta em uma colônia e trinta em outra) participou das reuniões, onde as dúvidas que surgiram enquanto escrevíamos o relatório foram discutidas e esclarecidas. Para que todos tivessem mais tempo de ler e dar suas opiniões foram deixadas algumas cópias do mesmo nas colônias. Também combinamos que, uma vez pronto, este relatório poderia ser ilustrado com desenhos sobre a pesca, feitos pelas crianças das colônias, e transformado em um pequeno livro, a ser amplamente divulgado e até, seguindo algumas sugestões, ***“mandado para o Presidente da República e para o Congresso Nacional”***.



O texto que se segue é o resultado de todo este trabalho. Está dividido em quatro partes.

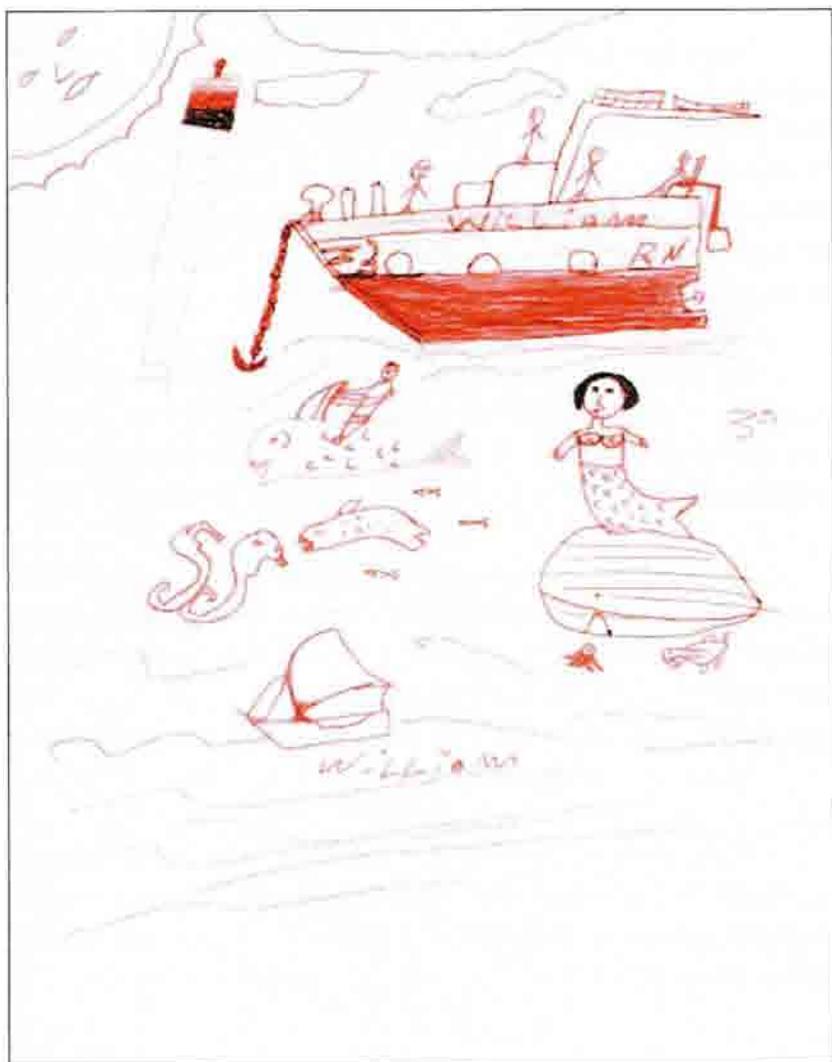
Na primeira, descrevemos a pesca da lagosta por mergulho segundo os dois métodos pelos quais é praticada, hoje, nas colônias visitadas: mergulho “*com compressores*” e “*no peito*” ou “*mergulho livre*”. Também descrevemos o que se passa no período do defeso, onde a pesca da lagosta é proibida. Finalmente, falamos das relações de trabalho que predominam entre os envolvidos nesta atividade.

Na segunda parte, apresentamos os principais perigos do mergulho e os problemas de saúde que causa. Falamos também dos riscos da atividade de pesca, considerada a atividade mais perigosa do mundo.

Na terceira parte, apresentamos alguns elementos históricos sobre a pesca artesanal da lagosta e alguns elementos sobre como os pescadores vêem seus concorrentes que praticam a pesca industrial. Apresentamos também algumas das soluções que os próprios pescadores começaram a propor para melhorar a sua condição.

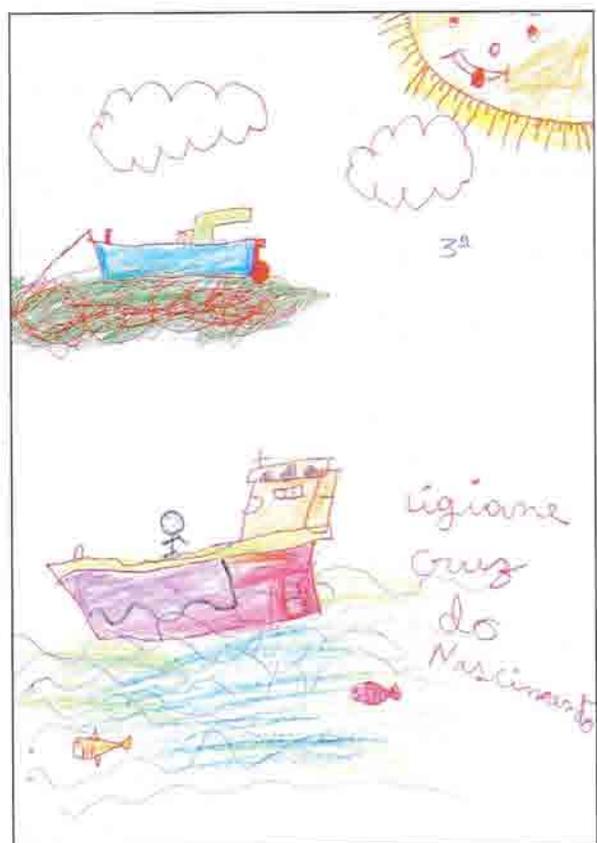
Na quarta e última parte, apresentamos nossas conclusões.

Todas as informações sobre a atividade dos pescadores foram prestadas por eles mesmos e estão grafadas no texto *em itálico e negrito*, para facilitar a sua identificação. Mas toda a responsabilidade pelo conteúdo deste livro é exclusivamente dos autores.



Parte I

- 1 - A pesca da lagosta “com compressores”
- 2 - A pesca da lagosta “no peito” ou “mergulho livre”
- 3 - O defeso: proibição dentro da proibição
- 4 - Relações de trabalho tempestuosas



A pesca da lagosta “com compressores”

“É uma pescaria proibida...”

É de manhãzinha. Os homens se preparam para mais uma pescaria de lagosta. Vão chegando na praia e se aproximando das embarcações. São dezenas, entre pequenos barcos e jangadas. A conversa é pouca, a expectativa de uma boa pesca é grande.

Perto de seu barco o dono espera. Trouxe o **“rancho”**, que sua mulher preparou: carne de sol e feijão. Trouxe também pão, biscoito, água e rapadura. Ele sabe que os pescadores preferem leite, **“o leite é melhor pra limpar o pulmão, que aquele ar do compressor acaba com a gente”**, dizem. Mas trouxe rapadura.

O óleo para o motor está certo: foram 40 litros, **“no fiado”**. O suficiente para um barco pequeno como o seu passar um dia no mar. O gelo, para acondicionar a pescaria, ele arranjou com o fornecedor, como sempre. Ele sabe que o barco está precisando de umas mãos de tinta. Mas cadê o dinheiro? O dono do barco nem quer pensar nisso, não quer se lembrar dos bons tempos em que era possível até **“enricar”** e não ter que passar por essa humilhação atual, contando cada trocado...

Os cinco tripulantes já chegaram: o mestre, dois mergulhadores e dois manguieiros. Todos são experientes, com anos de mar. Um dos mergulhadores mergulha há quatorze anos, o outro, há dez; ele já trabalhou até como ajudante de soldador em mergulhos profundos em plataformas marítimas de petróleo, no meio do mar nordestino.

Eles decidem o rumo da pescaria. O barco parte, o mestre sempre no comando. São quase duas horas de viagem até chegar ao destino. Eles não têm instrumentos, ou melhor, **“os instrumentos são os dois olhos”**, como dizem, e se guiam por referências como morros e terras, um **monte que encosta no outro**, por exemplo, e que têm seus nomes: **morro do buraco, morro do oiteiro, morro da moitinha...**

O sol está forte, o vento brando, o mar manso, a água clara, azulzinha.

Conversam.

—“A primeira vez que eu vi a tintureira, a gente estava mergulhando mais ele, nós estávamos em 23 [braças]. Foi um tintureiro. Bode anda no seco. Esse aí, anda dentro d’água. Encare uma cara dessa embaixo d’água!... Eu vi a mangueira dele, puxei, digo: ‘aí anda uma tintureira!’ Aí, ele não ficou mais sossegado!!!. É um tubarão que a cabeça dele é diferente, é um chapéu. Se dá o nome de peixe martelo.”

—“Compadre, parece até mentira se eu disser. Já está com mais de dez anos que eu pesco aí nesses pastos por aí. E eu digo: trabalho em cima de água suja, água limpa; já tenho pescado em compressor lá no Ceará e não sei quantas vezes já fui pro Sul. Mas nunca vi um tintureiro na minha vida...”

—“No mar de Formosa dá muito cação. Aí, ele chega, olha pra gente. Mas ele vai-se embora. Tem medo da gente, da máscara, porque os olhos da cara ficam grandes assim, por causa da máscara...”



O barco balança sobre as ondas, que ficam cada vez maiores. Mas eles vão firmes. Já estão acostumados e não marejam. Só os novatos enjoam: *“a primeira vez que fui ao mar, ainda me lembro. Cheguei de noite. Não fiquei bêbado, não. Mas quando cheguei na beira da praia....eu sentia no meu corpo o mesmo tombo da embarcação...”*. Vão navegando, *“com cuidado nos caminhos”*.

Ao se aproximar do destino previsto, ficam atentos, observando o mar. O mestre decide então parar. Vai começar a caça às lagostas. Apesar de experientes, os mergulhadores não escondem a ansiedade. É o gosto pela aventura, pelo encontro das belezas só vistas dentro do mar, mas também a percepção do risco, a incerteza do voltar.

Cada um já sabe o que tem que fazer. Sabe também o quanto depende dos outros. Se preparam para a jornada, pedindo a Deus que ela seja favorável. Porque agora a lagosta “*está pouca*” e a concorrência é muito grande. Eles mesmos já cruzaram com vários “*paquetes*” e com outros barcos, todos na mesma caça.

Com sorte, podem pegar até vinte quilos de lagosta. Mas também podem não pegar nada. Às vezes, passam-se dias e a lagosta não aparece.

Os mangueiros estão trabalhando. São eles que cuidam do compressor, do filtro e das mangueiras. “*O compressor funciona através do motor do barco. O motor fica funcionando direto, o compressor fica parado*”. Só começa a funcionar quando o mangueiro coloca uma correia, ligando o compressor com o motor. “*A pessoa tem que saber botar, senão estoura os dedos, estoura a mão. Não é todo o mundo que sabe, não.*”, explica o experiente mangueiro.

Na saída do compressor existe um mangote que leva o ar a um “*balão*”: é um bujão de gás de cozinha, onde o ar é guardado. A válvula de segurança do bujão é retirada para que se coloque uma torneira na qual se ajusta uma mangueira. A esta mangueira está ligado um filtro, ao qual se ajustam também as saídas para as duas mangueiras que serão usadas pelos mergulhadores. As mangueiras são tubos de plástico. A deles tem 170 metros, mas há maiores, de até 300 metros. Estão até em bom estado, comparadas a muitas outras que se vêm por aí, encaixadas e cheias de remendos.

No fim de cada mangueira, adaptam uma válvula e finalmente uma boquilha, que o mergulhador vai prender na boca. A válvula

serve para impedir que entre água na mangueira. ***“Ela tem um diafragozinho que abre que nem uma borboleta: o ar sai pra fora e ela fecha, pra não entrar água”***. Aqui as válvulas são novas, cada uma custou 200 reais, pagas pelo dono do barco.

Enquanto os mangueiros cuidam do compressor, os mergulhadores se preparam para mergulhar. Apenas com suas tangas, calçam os pés de pato, pegam as ***“bicheiras”*** para matar as lagostas, uma mochila para guardá-las, botam as máscaras. No cinto amarrado à cintura, prendem ***“pastilhas”***, que são ***“pedras de chumbo”***, cada uma com mais ou menos um quilo. Elas servem para o mergulhador chegar mais depressa ao fundo. Aí, botam as ***“válvulas”*** na boca, ajeitam a mangueira de lado através de um cinto e descem.

É preciso ter prática com a mangueira, ***“para não engolir água”***. E também torcer para que o ar não venha muito ruim, ***“porque o compressor, ele puxa qualquer ar, aquela fumaça do motor, e quando a gente escarra, vem pretinha a fumaça”***, ou porque ***“tem vez que o cabeçote não está bom e ele joga um óleo, que é que nem pimenta, a gente só falta morrer de tossir. Ninguém agüenta e tem que subir”***.

Antes, os dois mergulhadores desciam juntos. Mas ultimamente, como a lagosta ***está pouca***, ***“está indo cada um por vez: tira uma hora, duas horas de mergulho e cai outro mergulhador depois. Só vão os dois quando encontra muita lagosta.”***

Além disso, fica melhor de caçar: ***“a gente vai pra onde quer... De dois, não. Um vai pra fora, outro pra terra, esticam as duas mangueiras, fica ruim. O cara fica levando o outro de reboque...”***.

Quando um encontra lagostas, faz sinal para o outro descer, tudo através das mangueiras. Cabe aos mangueireiros ficarem atentos a esses sinais: *“a gente está debaixo d’água e ele [o mangueireiro] com a mangueira, solta e encolhe; vai soltando e quando é pra colher, colhe.”*

Devem também cuidar de toda a aparelhagem para que não aconteça nenhum acidente. Nunca se sabe: a mangueira pode quebrar, pode ir para a hélice do barco, a correia pode sair do motor, o próprio filtro pode sair com a pressão do ar, *“e aí o cara está lá embaixo, se não tiver uma força de pulmão muito boa para chegar em cima, ele chega em cima morto. Tem morrido muitos assim. Por isto o mangueirista é importante.”*



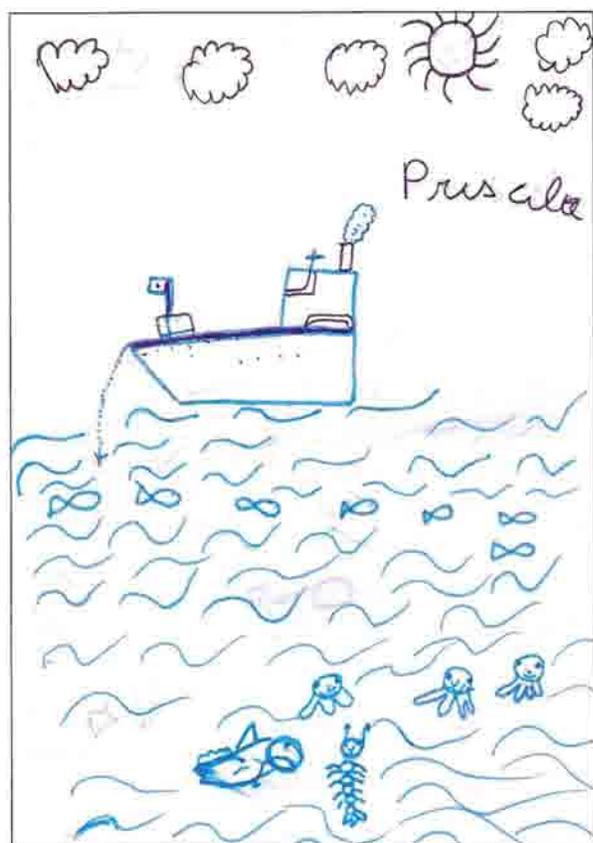
Lá embaixo d'água, os mergulhadores procuram as lagostas: a "**lagosta vermelha**", a "**lagosta cabo verde**", a "**lagosta mariscada**" e a "**sapata**", que são as que dão por aqui. Eles estão com sorte, encontraram várias, das grandes. Com a bicheira, vão matando e enchendo as mochilas, até não sobrar nem uma: "**tudo que você possa agüentar, você pega.**"

Também tiveram sorte de não ter que dividi-las com outros barcos e puderam trabalhar em paz. Esta pescaria foi boa e rendeu mais de 20 quilos "**de cauda**". Eles podem voltar tranquilos. Ainda bem, porque nos dias anteriores, a coisa estava feia, não pescaram quase nada. Começam a fazer as contas sobre os ganhos do dia.

São mais de quatro horas da tarde quando voltam à praia. Alguns barcos já chegaram, outros ainda permanecem no mar. Sem contar o pessoal que foi para outros mares, onde **estava dando mais lagosta**, e que vai passar a semana todinha por lá, sem voltar pra casa.

Ainda no mar, tinham avistado um aglomerado de gente na praia. Sabem que lá tem atravessadores, "**os pinteiros**", como são chamados. De uns tempos para cá, o número desses atravessadores não pára de aumentar e eles estão ficando cada vez mais descarados, fazendo comércio a olhos vistos. Eles incentivam os pescadores a trazerem "**por fora**" uma quantidade de lagosta.

Já na praia, ficam sabendo que nem todos tiveram a mesma sorte que eles. Numa jangada, houve um acidente e um dos pescadores desmaiou quando fazia um mergulho "**no peito**". Por sorte não morreu mas teve que ser levado para um hospital. Era um rapaz novo, que tinha saído com dois companheiros no **pacote**. Todos ficam consternados. Esta história não pode continuar assim, pensam todos eles.



A pesca da lagosta “no peito” ou “mergulho livre”

“Só com a coragem mesmo”

Por receio (ou falta) de compressores, muitos pescadores vão à caça da lagosta “**no peito**”, ou praticam o chamado “**mergulho livre**”. Significa que mergulham sem o auxílio de qualquer equipamento respiratório, só com a força de seus pulmões. Mas este tipo de pesca tem suas limitações: só conseguem mergulhar assim em águas não muito profundas e por um período curto de tempo.

Em geral, partem para o mar em pequenas jangadas, os “**paquetes**”, feitas com isopor revestido de madeira, com três pessoas a bordo: um remador e dois mergulhadores.

“Quando a gente sai de casa, já sabe pra onde a gente vai. Sobe no barco, faz o caminho. Quando chega lá, é mergulhar. Abre a jangada, tira os pés de pato, bota nos pés; e a máscara, bota na cara. E vamos mergulhar, procurar lagosta. Aí, na hora que um acha a lagosta, aquele que acha já tira o pé de pato dele e bota sinal pro outro...vai chamar os outros. Aí, o barco vai pra lá, onde nós estamos”.

Alguns usam também o “**suspirador**”. Às vezes os mergulhadores o compram; às vezes, só compram a boquilha e a adaptam sobre um cano de borracha. O suspirador é “**tipo uma boca de válvula, que coloca um cano, desses de encanação de água. Coloca na boca, e fica com a cabeça dentro d’água, tomando ar por aquele canudo**”.

“A gente está deitado em cima d’água, procurando lagosta. Com a água limpa, dá pra ver. Com o suspirador é melhor, está mais tempo enxergando, procurando lagosta. Está tomando fôlego por ali. Tomou o fôlego, desceu. Só vai tomar fôlego de novo quando sobe.”

A avaliação da profundidade muitas vezes é feita apenas de olho, baseada na experiência; outras vezes, os pescadores *“levam um nylon com uma chumbada; arreamos ele no carro. Quando ele topa [no fundo do mar] nós medimos”*. Para isso, usam *“a braça”* (a envergadura dos braços) como unidade de medida: se avaliarem que é muito fundo, não descem porque o perigo de morte é grande: *“tem acontecido muitas vezes, com os mergulhadores mais velhos, de uns desmaiarem. E não morria porque tinha outro perto, pra segurar ele.”*

E explicam: *“o cara vai lá, pegar uma lagosta, duas lagostas, numa profundidade de 12 braças. Aí, antes de chegar na superfície, não dá mais mode, a resistência não dá mais, a tendência é desmaiar. Se não tem um amigo que chegue lá com ele na superfície, ele morre”*.

Por isso, o mergulho livre, *“no peito”* não pode ser muito profundo, afirmam eles: *“a gente desce mais ou menos umas sete, oito braças”*.

Lá em baixo, quando a encontram, pegam a lagosta com a *“bicheira que é um ferrinho que tem um anzol... Elas estão lá. Aí, a bicheira mata. Depois que mata, pode soltar que ela não foge mais. Aí, fica matando muitas. Se tiver muito, mata tudinho e deixa ali, juntando elas”*.

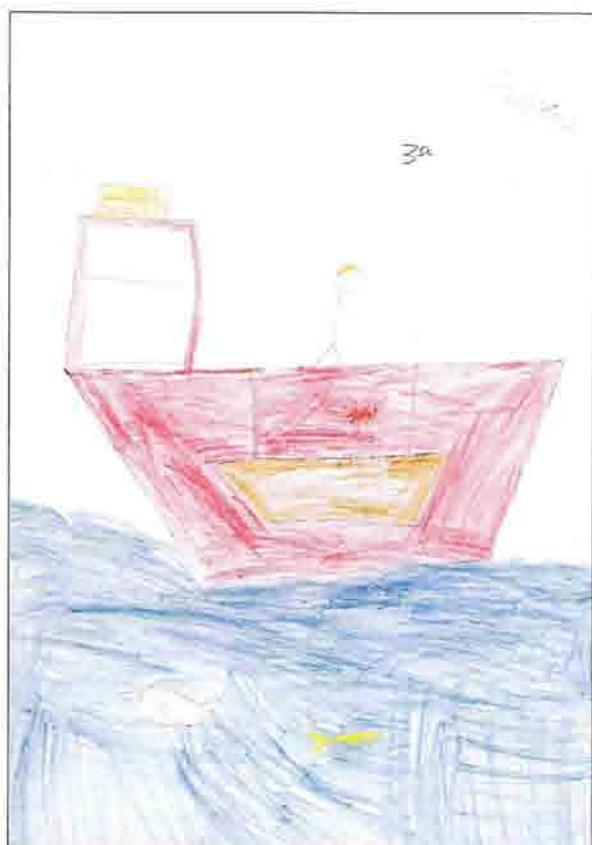
“As lagostas são mansas, é fácil pegar elas. Agora, tem que pegar de um jeito que a gente bota umas luvas nas mãos, porque ela tem vários espinhos, pra evitar furar as mãos”.

Depois, vão enchendo as **“tarrafas”** e trazendo a pescaria para o barco. Quem tiver fôlego, fecha a tarrafa e traz. Se não, sobe pra superfície, toma fôlego e desce novamente pra poder fechar a tarrafa.

Os mergulhadores ficam neste sobe e desce várias vezes: ***“Virgem Maria, não tenho nem base de quantos mergulhos o cara dá.”***

Com sorte, podem pegar uma grande quantidade de lagostas: ***“eu já peguei mais de cem quilos, só no peito. Foi de manhã até meio dia: cento e trinta e sete quilos.”***





O defeso: proibição dentro da proibição

“Se não tivesse comprador, não ia pescar no defeso.”

A pesca da lagosta descrita até agora é uma atividade que acontece apenas entre os meses de maio a dezembro. Nos outros quatro meses, de janeiro a abril, considerado o período de defeso, é proibido pescar lagostas em todo o litoral brasileiro. Esta medida foi tomada, teoricamente, para se preservar a espécie pois se considera que, neste período, ocorre a reprodução das lagostas. No entanto, pesquisadores no assunto reconhecem que o período reprodutivo das lagostas é maior, e que ainda não se sabe ao certo quando ocorre, o que é confirmado pelos pescadores: **“já pescamos lagosta ovada fora do defeso”**. De qualquer forma, o atual defeso ao menos protege as lagostas no período de águas calmas, onde seriam presas mais fáceis, deixando o mar **“sujo”** dos outros meses agir como um defeso natural.

Por esse mesmo motivo os pescadores têm outra opinião e prefeririam a mudança na época do defeso para o período de junho a novembro, quando a **“água está suja”**. Explicam: **“mês de dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio é vento brando. Às vezes, acontece um temporalzinho Agora, final de junho, julho, agosto, setembro, outubro é muito vento aqui. Forte mesmo. E o cara tem de pescar, também nesse tempo. Aí é onde eu acho que tem o defeso da lagosta, que eles consideram de janeiro a abril. Eu sou contra: era para ser final de junho a final de novembro []. Ainda tem uma vantagem: se preservar nessa época, dificilmente vai**

acanalhar a pesca porque a água é suja. Você tem vontade de pescar a lagosta mas diz: 'não vou pegar porque a água está suja!'. Você tem que pegar com a água bem clarinha e deixar a lagostinha lá se criar, pra ter valor."

"Além disso, nessa época que a gente está dizendo, não tem veranista e não fica empurrando o pescador pra ir pescar e comprar a lagosta."

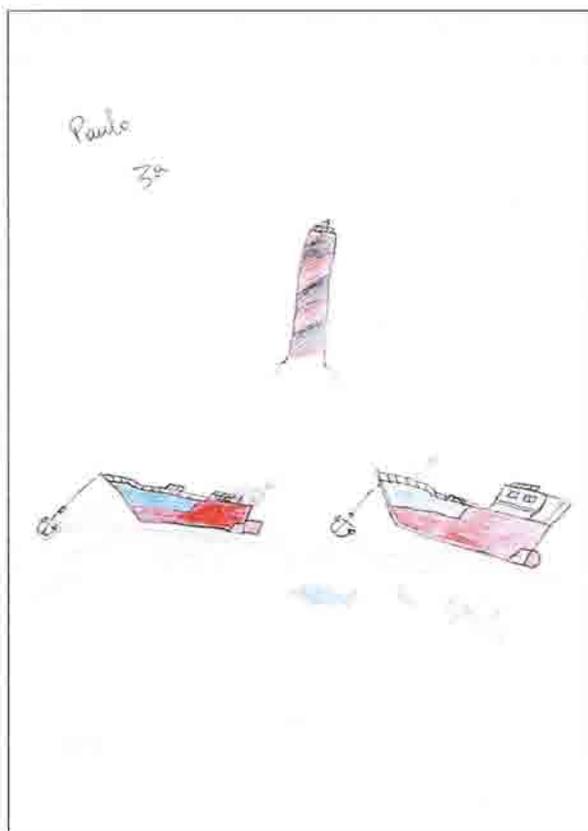
Como se vê, a questão é polêmica. Se por um lado o atual período de defeso protege a lagosta, por outro, expõe os pescadores a um mar mais hostil, onde os riscos estão aumentados pelas intempéries.

Para os pescadores de lagosta, o defeso ou "*paradeiro*", como eles o chamam, é um período difícil.

Primeiro, porque os obriga a procurar outro tipo de atividade para sobreviver, o que não é fácil. Eles não só estão acostumados como já estão aparelhados para pescar com mergulho, e não podem passar facilmente para outros tipos de pesca, com outras técnicas e outros equipamentos. Além disso, não é só a lagosta que está escasseando: também os peixes e os camarões estão diminuindo, segundo os pescadores, por causa de um tipo predatório de pesca, praticado por grandes barcos, e que se chama "*arrastão*". O "*arrastão*" substituiu a tradicional pesca de rede. Diferentemente da rede, o *arrastão* puxa tudo o que encontra. "*O arrastão puxa depois que o mar quebra, assim numa base de duzentos metros*".

Os pescadores lembram: "*antigamente, aqui pra gente era bom demais. Agora, depois que inventaram esse negócio de arrastão de barco, acabou com a nossa pescaria aqui na*

costa. Nossa pescaria é tudo na costa, é o camarão, o peixe. O motorizado tem muitos tipos de pescaria: tem o polvo, tem a lagosta, tem o peixe de alto mar. Mas eles deixam e vem perturbar a gente aqui na costa com arrastão. Aí, acaba tudo. Além de pegar os camarões grandes, pegam aqueles miudinhos, que o camarão desova. Eles pegam tudo.”



Finalmente, porque há sempre compradores para a lagosta, o que estimula os pescadores a se aventurarem nessa pesca. ***“Isso acontece porque tem sempre um comprador. Se não tivesse comprador, não ia pescar no defeso.”***

O comprador incentiva o pescador: ***“traz que eu lhe pago um tanto. Aí, o pescador está pescando, por exemplo polvo, vê uma lagosta, não agüenta e pega!”***

Nesta situação, por mais que o pescador tenha consciência ecológica, a possibilidade de vender a lagosta fala mais forte: ***“quando ele chega lá no fundo do mar, ele vê a lagosta que está ovada... era pra ele ter consciência: ‘rapaz! essa aqui não vou pegar não, que está ovada’... E deixava lá.”*** Mas não é isso que acontece.

Por isso, nem mesmo o pagamento do seguro desemprego aos pescadores consegue acabar com a pesca no defeso.



Relações de trabalho tempestuosas

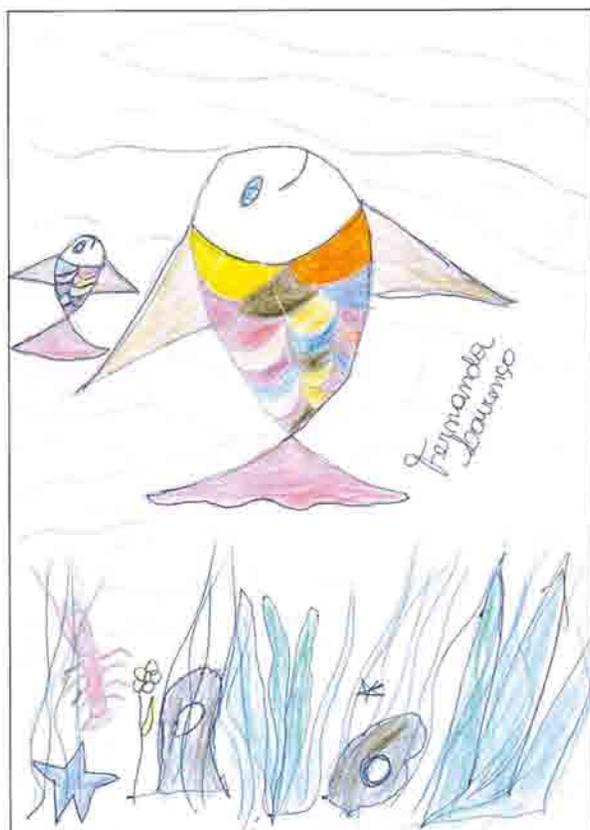
“O pessoal conta que antigamente tinha muita lagosta, lagosta mais perto e em grande quantidade. Por que o pescador não enriqueceu nessa época? Alguém se deu bem e ainda está bem...”

Praticamente toda a lagosta pescada nestas duas colônias é vendida para uma empresa e, segundo os pescadores, exportada, para o *“Japão e Estados Unidos. Aqui só fica a de terceira, que é aquela que vai pra filé, que vai pra hotel. As melhores vão pra fora.”*

Assim, entre os pescadores e os consumidores finais existe uma rede de intermediários, responsáveis pela compra, transporte, revenda e distribuição dos produtos. São estes intermediários que impõem o preço da lagosta aos pescadores e com isto determinam, indiretamente, as relações que se estabelecem entre todos os que participam desta pesca.

Contam os pescadores que a relação de trabalho entre dono de barco, mestre, mergulhadores e mangueireiros é informal, sem nenhum contrato assinado, baseado na confiança mútua, o que, aliás, não poderia ser diferente, uma vez que se trata de uma atividade proibida e, portanto, clandestina. Esta relação é baseada no seguinte princípio: *“se o barco ganhar, o pescador ganha; se não ganhar, ninguém ganha.”*

O trato acontece assim: o dono do barco acerta com a sua equipe o preço do possível produto da pesca e como será sua divisão. Em geral, uma parte vai ficar com o dono do barco, porque é ele que deve arcar com as despesas da pescaria - **o rancho**, o óleo pro motor, o gelo-, com as despesas da manutenção do barco e com outras despesas como a compra e manutenção de materiais de pesca. A outra parte, é dividida entre os tripulantes. A proporção em que esta divisão é feita varia; em alguns lugares é “**às meias**” e em outros, maior para o dono:



“Vamos supor que o quilo da lagosta está a 50 reais. Desses 50 reais, vão 28 pro dono do barco e 22 pra equipe”.

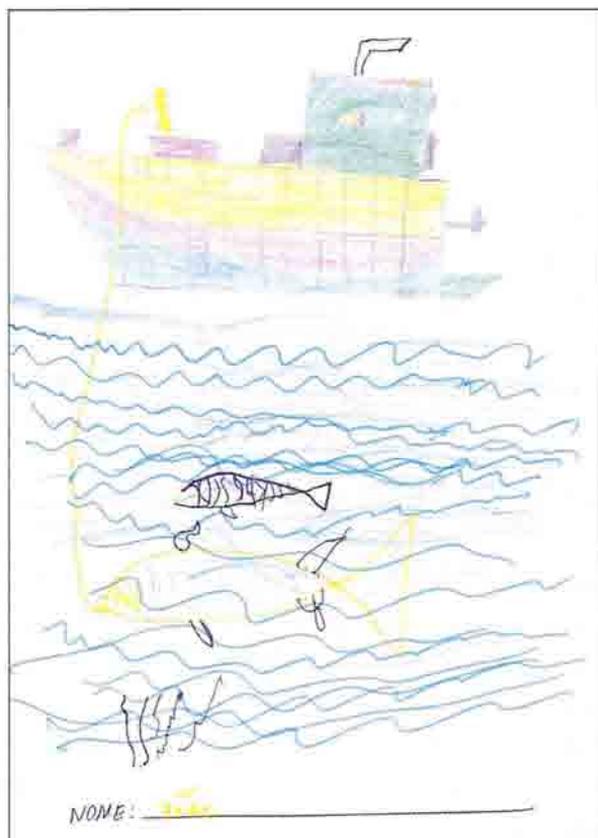
Também varia a proporção que cabe a cada membro da tripulação. Em geral, o mestre e os mergulhadores ficam com uma parte maior que os mangueiros. Voltando ao caso anterior, dos 22 reais para a equipe, 15 reais vão para os dois mergulhadores e o mestre, isto é, 5 reais para cada um. E cada mangueiro recebe 3,50 reais.

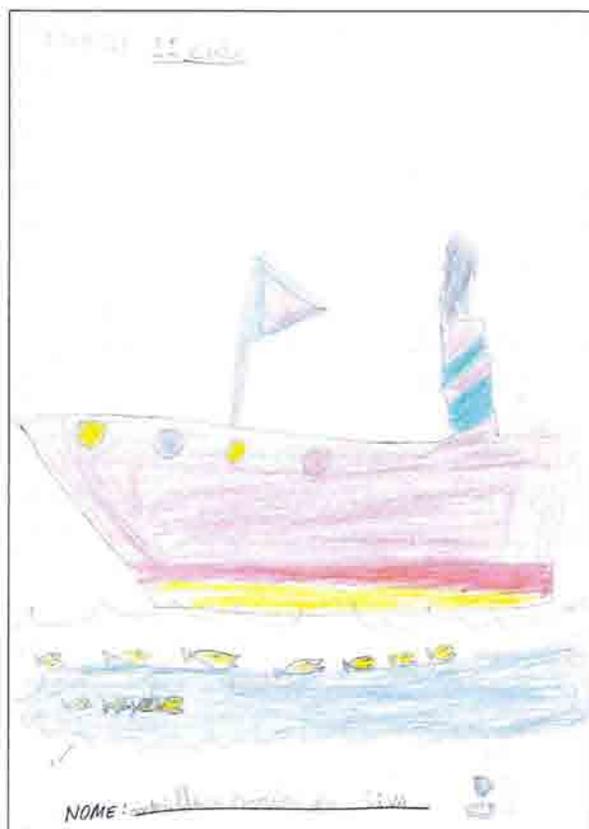
As relações de trabalho que se estabelecem nessa estrutura são bastante frágeis e podem se romper a qualquer momento, criando conflitos entre as partes.

Os donos de barco, por exemplo, se queixam de estar perdendo cada vez mais. Se a pescaria não resultar em ganhos, o que acontece com cada vez mais frequência porque a ***“lagosta está pouca”***, ele perde o que investiu : ***“gastei 70 litros de óleo, e peguei 3 quilos de lagosta. Como é que eu vou pagar os pescadores, e vou pagar 70 litros de óleo, 40 reais de rancho?”***

Aparecem então as dívidas, o que o torna mais fraco perante o ***“fornecedor”***, que é aquela pessoa que vai comprar a lagosta e que, para isso, fornece ao dono do barco produtos ou adiantamentos para a sua despesa: ***“[o dono do barco] pode ser que esteja devendo as vendas pra o comprador. O comprador está facilitando pra ele: bota óleo pra ele, bota gelo... Nisso, leva ele a se amarrar naquela pessoa. Mas ele não vai pagar nunca aquela pessoa. E aí, com isso, o fornecedor mantém um preço mais baixo. ‘Se a lagosta é 60 reais, pago 55; agora os 5, vou deixar pra você pagar as minhas contas.’ Que ele não vai pagar nunca!”***

Este **“fornecedor”** é o primeiro elo de uma extensa cadeia de intermediários, responsáveis pela compra e distribuição da lagosta. É um empregado de uma empresa de comercialização, com sede em Natal. É ele que combina o primeiro preço da lagosta com o dono do barco. Mas ele não é o único intermediário: atualmente, tem crescido muito o número de **“atravessadores”**, como são chamados:





“Só que além desse fornecedor, tem o atravessador na beira da praia. É 30, 40, 50 pessoas que sobrevivem só disso.”

“O atravessador tem o capital de giro dele no bolso; ele não bota o dinheiro dele na rua por nada. E aí incentiva o meu pescador: ‘quando tu vier de lá pra cá, rapaz, bota

aquilo lá na.... que eu compro mais caro'. E realmente sai mais caro! Ele tem um canto dele pra guardar a lagosta. Aí, já passa pra outra pessoa, que já tem um preço mais caro lá fora. O cara compra 3 quilos de um, 4 de outro, 5 de outro e vai juntando. Quando finda o dia, ele tem 50 quilos de produto. Outro dia, compra mais 50. Então, o cara se torna um cara cheio de dinheiro."

Este mercado selvagem quebra a antiga relação de confiança entre dono e tripulantes do barco. Surge um mercado paralelo dentro do mercado clandestino. Alguns pescadores praticam o "**pinto**", separam uma parte de sua pesca e a vendem diretamente para os atravessadores, os "**pinteiros**", ou, como dizem os donos dos barcos, "**os compradores do roubo**".

"O mergulhador, pra trazer 10 quilos pra empresa, ele tem que pegar 20. Dos 20 quilos, ele tira 10 pra ele e para os outros pescadores. Naquilo, o dono não tem parte".

No início, a venda desta pesca era feita às escondidas. Mas atualmente, em alguns lugares, é feita às claras: "**o pescador chega com a produção dele e bota na praia, bota por leilão. Quem bota mais preço, que leva**".

Daí, uma grande revolta dos donos de barco contra os atravessadores: "**eu tenho meu barco só pra sustentar a família deles... Aí, o cara, quando é fim de ano, compra um carro, outro troca de casa, troca de mulher e por aí vai. E o dono do barco e o pobre pescador, coitado, cada vez mais está se afundando nisso.**"

E falam de um sentimento de impotência frente a sua situação: "**a senhora sabe porque a gente não pode fazer nada**

com respeito a isso[pinteiro]? Nem pode botar pra fora... Ninguém pode tirar a gente dessa dor. Se tirar, está sujeito a perder o barco, como veio a acontecer com um rapaz aí.”

A sua revolta também se estende aos mergulhadores: *“na pescaria de lagosta, quem manda são os mergulhadores. O mergulhador faz o que ele quer. É tipo uma humilhação que o dono do barco passa aqui.”*

Os mergulhadores, por seu lado, que não são donos de nada, estão apenas procurando ganhar mais dinheiro. E nesse afã, se arriscam cada vez mais nas suas pescarias. Cria-se um ambiente de extrema competição, onde cada um procura superar os demais e pescar cada vez mais lagostas. *“Quando a pesca é boa, no dia seguinte vamos mais rápido; saio mais cedo, que está bom o mar. Você aproveita o mar logo, não conta para ninguém que tem lagosta; se puder, bota ele para um canto bem longe, para eles não verem. Cada um quer ser mais esperto.”*

Essa corrida louca tem feito várias vítimas mortais entre os pescadores. São freqüentes as histórias de conflitos violentos entre eles para garantir espaço dentro de um nicho ecológico cada vez menos farto.

Os grandes beneficiários de toda essa história são as empresas que comercializam o produto. Na verdade, tanto os *“fornecedores”* como os *“atravessadores”* trabalham para as mesmas empresas.

6

navio

peixe



NOME: Andriel

Parte II

1 - Pressão, compressão, descompressão

2 - Outros perigos do mergulho

3- Outros perigos do mar



Pressão, compressão, descompressão

“A pressão lá embaixo d’água é muito forte, muito densa. Quanto mais fundo, mais densa ela é. Aí, você tem que subir bem devagar para se acostumar com aquela água mais normal”

Todos os pescadores de lagosta conhecem os problemas que o mergulho acarreta. Todos conhecem casos de pessoas próximas, vítimas dos efeitos do mergulho, quando não os experimentaram na própria carne.

“Todos aqui sabemos das pessoas que morreram de mergulho: o finado da Babina, morreu de peito livre. Morreu o Damião, o Curuja, morreu de compressor. O finado Vadinho, morreu de compressor também. Finado Dedé, morreu também de compressor . Morreu finado Bebéu, morreu finado Neném...”

Os especialistas em “medicina hiperbárica”, uma especialidade médica pouco conhecida, explicam por que o mergulho pode provocar problemas de saúde: quando se mergulha, o corpo fica submetido a uma maior pressão atmosférica, que aumenta com a profundidade: é a compressão. Quando se sobe à superfície, esta pressão vai diminuindo: ocorre uma descompressão. Estas mudanças de pressão podem causar vários problemas de saúde e levar à morte.

Estes problemas podem ser divididos em dois grandes grupos: os primeiros são os chamados barotraumatismos (traumatismos por pressão), causados por aumentos ou diminuições muito rápidas. Os segundos são os danos causados pelo aparecimento de bolhas de ar no sangue, que acontece quando há uma brusca diminuição de pressão; eles causam os temíveis “acidentes de descompressão” que, não tratados, podem evoluir para a “doença de descompressão”.

1- Barotraumatismos

Existem, em nosso corpo, alguns locais que têm ar: o ouvido médio, os seios paranasais, o tubo digestivo, os condutos aéreos e os pulmões; dentes careados também podem ter ar. No mergulho, o aumento da pressão nessas cavidades naturais pode causar lesões.

O ouvido, por exemplo, é muito sensível à descida brusca e pode sofrer lesões dolorosas.

Os seios paranasais também podem se lesar, principalmente durante a subida. Os pescadores dizem que o mergulho ***“dá uma sinusite na cabeça”***. Para eles, ***“a sinusite é uma doença que dá de chupar muito o ar. Daí, dá pressão no ouvido, na cabeça. Sai sangue pelo nariz. Isso é muito perigoso.”***

Mas os problemas mais graves são os que afetam os pulmões. Acontecem durante a subida, quando a respiração é interrompida ou reduzida, o que faz com que o ar em expansão dentro dos pulmões provoque ruptura de suas estruturas e penetre na circulação. É o acidente mais grave do mergulho, responsável pela maior parte das mortes imediatas. É mais freqüente em quem não tem prática de mergulhar.

“O meu irmão morreu no primeiro dia de mergulho. Morreu nas 8 braças. Nunca tinha mergulhado de compressor. Foi sufocado. Acho que ele não tinha prática de puxar bem na válvula, respirar. Acho que ele agonizou-se....”

2-Acidentes e doenças descompressivas:

Um dos grandes perigos do mergulho é a “doença da descompressão”. Todos os pescadores de lagosta a conhecem e a temem. Eles explicam:

-“Tem muito aleijado no mergulho.

-Mas porque fica aleijado?

-Dá água no joelho.

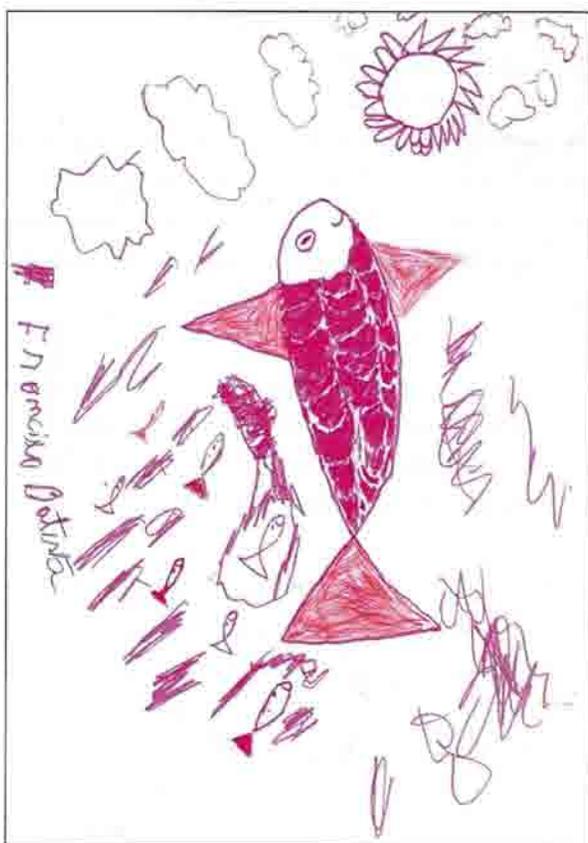
-É porque quando ele vai embaixo d’água tem uma pressão muito forte; aí, o osso dá aquele estralo. Dá como uma bolha de ar, no osso. Aí, o osso pegou, vai dando mais outro ar. Aí, aquele ar fica grande, aí pega o osso da pessoa, fica aleijado.”

Os pescadores têm razão. Esta bolha d’água a que eles se referem é, na verdade, uma bolha de ar, de nitrogênio, a causadora dos “acidentes de descompressão” que, não tratados ou muito graves, causam a “doença da descompressão”.

O que se passa é mais ou menos o seguinte: toda vez que mergulhamos, ficamos submetidos a uma pressão maior, que aumenta com a profundidade. Essa pressão faz com que aumente a quantidade de ar que se dissolve no sangue e nos líquidos do corpo. Se o mergulhador volta à superfície com muita rapidez, isto é, sofre uma descompressão rápida, o nitrogênio, que é um componente do ar, pode persistir dentro dos vasos (veias e artérias) e tecidos do corpo em

forma de pequenas bolhas e estas podem se juntar, formando bolhas maiores. Os sintomas da doença da descompressão dependem do lugar onde se formam estas bolhas. O tamanho e a rapidez do seu desenvolvimento influenciam a gravidade da situação.

A manifestação mais comum são dores profundas e, em geral, constantes perto das grandes articulações, afetando principalmente ombros, cotovelos, joelhos e quadris. A dor pode ser tão intensa que incapacita: ***“o pescador grita de dor!”***.





Em seguida, aparecem os problemas respiratórios: falta de ar, dor forte no peito e tosse. Por último, ocorrem manifestações neurológicas e, às vezes, problemas vasculares, com sintomas variados, incluindo paralisias, choque e coma.

Para evitar o aparecimento destas bolhas, a subida não pode ser muito rápida e, conforme a profundidade e a duração do mergulho, deve prever algumas paradas, antes de se chegar à superfície.

Foi para isto que foram construídas as “tabelas de decompressão”, conhecidas pelos mergulhadores profissionais. Elas indicam o tempo que cada mergulhador deve parar dentro d’água em função da profundidade e da duração do de seu mergulho, para não sofrer estes acidentes de decompressão. Há vários tipos de tabelas de decompressão.

Nas **Normas Brasileiras de Segurança e Medicina do Trabalho**, editadas pelo Ministério do Trabalho, as atividades de mergulho são regulamentadas no **Anexo 6 da Norma Regulamentadora 15 (NR15)²**, sobre **Atividades e Operações Insalubres em Atividades Submersas**. Nesta regulamentação, estão incluídas algumas tabelas de decompressão. O exemplo a seguir ajuda a compreender melhor o que estas tabelas de decompressão indicam:

EXEMPLO: Um mergulhador alcançou a profundidade de **36 metros** (mesmo que por poucos segundos) e permaneceu mergulhando por uma hora ou **60 minutos**.

Pela Tabela Padrão de Decompressão com Ar da NR15, sua subida para a superfície deve respeitar as seguintes regras:

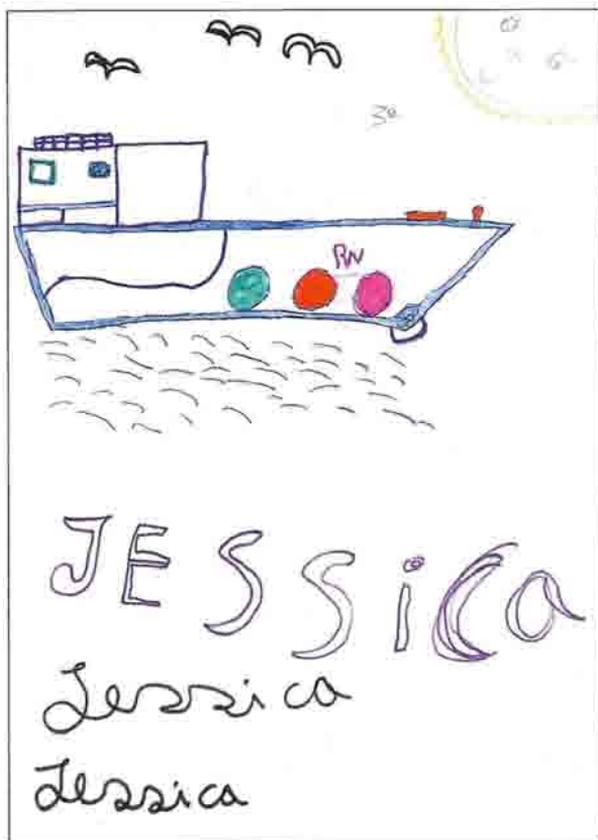
Até a 1ª parada	1 minuto e 30 segundos
1ª parada a 9 metros de profundidade	2 minutos
2ª parada a 6 metros de profundidade	22 minutos
3ª parada a 3 metros de profundidade	45 minutos
tempo total de subida	71 minutos, ou 1 hora e 11 minutos

² Em Ministério do Trabalho: **Norma Regulamentadora nº 15**. Portaria nº 3214, de 8 de junho de 1978.

Ou seja, o mergulhador permanecerá 2 horas e 11 minutos dentro d'água: **1 hora mergulhando e 1 hora e 11 minutos subindo.**

Observe-se que as tabelas exigem medidas precisas de tempo e de profundidade.

É preciso também observar que estes tempos só valem no caso de se fazer um único mergulho em 12 horas. Se houver “**mergulhos repetitivos**” (o que é a prática corrente entre os mergulha-



dores de lagosta) estes tempos são todos maiores. Se estes tempos não forem respeitados, há um grande risco de acidentes de descompressão.

Os mergulhadores conhecem bem a necessidade de descompressão:

“Se você tiver numa água de 14 braças, você pode descer naquela água. Só que você vai fazer uma descompressão aos poucos. Você está lá embaixo, você passa dez ou quinze minutos dando descompressão, ali naquele canto. Depois você sobe, uma braça ou duas de altura, larga o que tiver, pra dar outro tanto de descompressão e assim ele vem...”



Em uma das colônias, inclusive, o pessoal da Marinha periodicamente explica aos pescadores os riscos do mergulho: *“**existem umas coisas, umas tabelas que os médicos fazem para você não subir correndo. Todo ano eles vem aqui (a Marinha), todo ano tem essa aula aqui, todo ano”***.

No entanto, por inúmeros motivos, é muito difícil seguir as regras estipuladas pelas tabelas de decompressão.

Um deles é a **imprecisão sobre a medida da profundidade**. As braças são medidas pouco precisas, controversas:

-“O senhor já teve acidente pescando lagosta?

-***Já, sim.***

-A quantas braças estava?

-***Ah! braça, não sei, muita conta...Eu descia assim mesmo. Era em vinte braças, quinze, era assim, não tinha medida, não.”***

“Aqui, o máximo que a gente [mergulha] é vinte e tantas braças. Agora, tem canto aí até 45 braças.

-Uma braça é mais ou menos 2 metros?

-***É mais ou menos isso. Um metro e oitenta, depende...***

-Quarenta e cinco braças dá quanto?

-***A base duns oitenta e tantos metros.”***

Também são **imprecisas as medidas de tempo**, já que são poucos os mergulhadores que mergulham com relógios.

-***“Se for 20 braças, quando faltam 8 braças pra gente subir, aí, nós damos aquele tempo de dez, quinze minutos.***

-Mas dá pelo relógio ou pela cabeça de vocês?

-Pelo relógio. Quando não tem relógio, dá pela cabeça, faz a base.

-Como é que faz uma base de 10 minutos na cabeça?

-No mais ou menos...

-Ou no menos ou mais.”

Finalmente, há uma **pressão por produção** que se manifesta numa competição ferrenha, que exige pressa, como fica claro no impressionante diálogo, que reproduzimos a seguir:

“- Vocês sabem em quanto tempo tem que subir? Ou cada um faz do seu jeito?

-Cada qual tem o seu.

-O mergulhador do compressor é um negócio. Ele só sobe devagar se ele estiver sozinho; mas ele estando no meio de gente, ele sobe ligeiro e desce ligeiro.

-Não tem negócio de subir devagar, não!

-Sobe ligeiro pra fazer o movimento...

-Ali, não está pensando na vida dele. Ele está pensando no dinheiro que ele vai pegar...

-É ligeiro mesmo.

-Sobe 10 braças num instante.

-Eu vou contar: o mergulhador está aqui...ele já vai caminhar, porque se ele não caminhar ligeiro ele não pesca a lagosta. Aí, bota um negócio pesado de chumbo...Ele tem que descer ligeiro pra pegar, pra, quando chegar lá embaixo, os outros não estarem. Se ele não fizer assim, ele não pega as lagostas que os outros pegam.

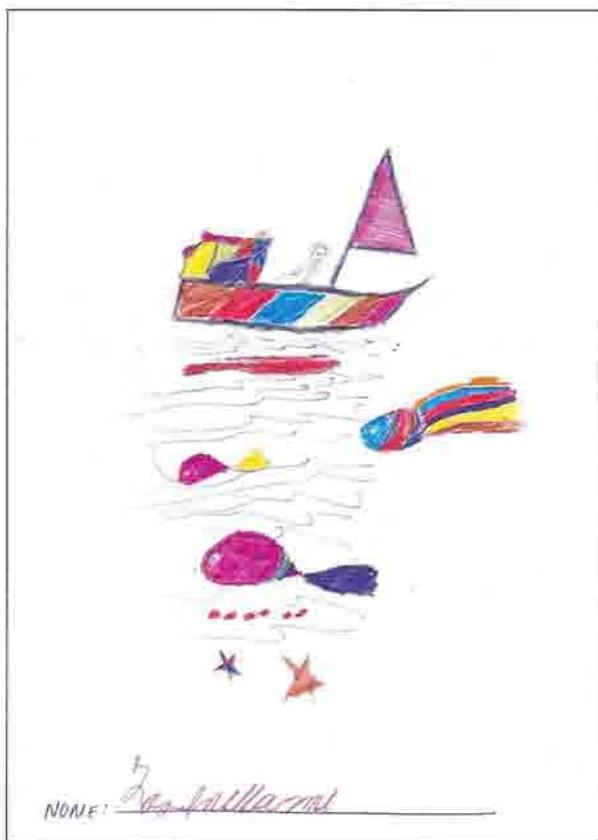
-As vezes, quando está sozinho, ele vai devagar. Mas quando está muita gente...

-É gente de outros barcos?

-É, de outros barcos, porque se um barco está pescando, geralmente o pessoal sabe.

-É porque os barcos, hoje, conhecem quem está pescando lagosta. Quando sabe que está pegando lagosta, aí todo mundo corre pra lá. Aí, se não for ligeiro...

-Quatro, cinco barcos....



-Ele não vai fazer [descompressão] porque não dá tempo. Tem que ser ligeiro. Se não for ligeiro, não pega nada.

-Ele fica sem nada.

-Porque hoje tem muitos barcos na maré, barcos pescando, estão vendo uns aos outros. Um está pescando lagosta, o outro está vendo. Aí, corre todo mundo pra aquela região...Às vezes, o mergulhador desce. Tem dois, três barcos. O mergulhador acha lagosta...Tem um cara pastoreando no meio do mar...O outro vem buscar mais botes. Quando chega lá embaixo, o outro já tinha sacado, não tinha mais lagosta. Por isso que tem que ser ligeiro.

-É isso.”

Como resumiu um pescador: *o mergulhador “só dá descompressão se não encontra lagosta. Pra pegar lagosta, ninguém dá descompressão.”*

O único remédio seguro para a descompressão é uma nova compressão, feita em equipamentos especializados, as chamadas “câmaras de descompressão”. No Brasil, há poucos desses equipamentos. O mais próximo das colônias sobre as quais estamos falando fica em Natal.

Segundo dados do Serviço Médico da Capitania dos Portos do RN, de 1996 a setembro 2001, 79 pescadores foram submetidos a tratamento hiperbárico na câmara de descompressão da Marinha do Brasil, em Natal. Os principais motivos da procura foram dores ósteo-músculo-articulares, dormências, paralisias, alterações neurológicas e fadiga extrema, nesta ordem. Houve dois casos de falecimento durante o atendimento. Acontece que a grande maioria dos acidentados, principalmente os fatais, não chega para tratamento na

câmara hiperbárica, e os tratamentos são improvisados no próprio local dos acidentes:

“-A gente aqui, quando cai doente, a gente mede uma corda, negócio de sete braças, amarra uma garatêia assim...

-Quando a gente está sentindo (a dor) vai lá pra baixo e não sente dor, não. Ela só apresenta quando a gente vem subindo, já pra sair fora d'água, que ela apresenta, as dores nos ossos. Aí, a gente pára ali.

-Onde ela começa a doer, a gente pára. Aí, começa a dar descompressão. Aí, [a dor] vai saindo e a gente vai subindo. Quando ela vai apresentando, a gente pára, até sair fora d'água.



-E daí, passa a dor?

-Passa.

-Quer dizer que a referência para vocês, para subir mais ou não, é a dor?

-É.”

No entanto, este expediente de mergulhar para passar a dor nem sempre pode ser usado: se houver um problema com o suprimento de ar, o mergulhador sobe rápido: **“é porque às vezes a mangueira estourava, faltava o ar do momento, subia rápido e aí ficava doente, ia para a câmara de descompressão”**

Em outros casos, uma nova descida para a compressão pode ter que ser feita em condições bem precárias: **“o pescador caiu doente, ele teve problema quando subiu. Então, ele desceu pra fazer a descompressão devagar. Mas já estava escuro e ele ficou com medo. Então, ele chamou outro colega dele, outro mergulhador pra descer com ele. Mas ele ficou com medo, que estava escuro. Então, ele foi sozinho.”**

Por isso, muitos mergulhadores tomam remédios, em geral anti-inflamatórios, para passar as dores:

-“Eu ouvi falar que tem gente que toma umas injeções pra passar a dor...

-É ‘Voltaren’³. As vezes, a gente quando pega uma dor assim, que não é muito grave, toma uma injeção de ‘Voltaren’ e passa.

-E lá no barco, não leva remédio nenhum?

-Não leva não. Já aconteceu de vir chorando lá de fora,

3 Nome comercial do diclofenaco sódico, medicamento antiinflamatório.

duas, três horas de viagem pra terra. Chorando muito, que não agüenta mesmo.

-Às vezes tem uns que andam com uns comprimidos de 'voltarem'.

-Tomam no barco mesmo...

-E passa a dor?

-Sendo uma dorzinha fraca, não sendo muito forte..."



Se um acidente de descompressão não for tratado, pode causar várias seqüelas. Entre estas, os ossos do corpo, principalmente os ossos longos, e suas articulações podem ser afetados e causar incapacidade permanente. Porém, são as lesões neurológicas as de pior resultado e grande frequência. As paraplegias, entre outras, podem ser observadas em pescadores de qualquer praia do RN onde existe a pesca da lagosta com o uso do compressor.



Outros perigos do mergulho

“Morre gente, uns vão se acabando no barco. E não muda”

O mergulho, com ou sem equipamentos, muda o modo de se respirar debaixo d'água, o que pode ser perigoso. Por exemplo, segurar a respiração pode causar desmaios, problemas cardíacos, e até parada cardíaca. Além disso, nos que mergulham sem equipamento, respirar muitas vezes antes de mergulhar pode causar problemas, principalmente na subida: o mergulhador pode desmaiar antes de chegar à superfície e se afogar, se não for resgatado rapidamente. Os mergulhadores com equipamentos, quando diminuem a respiração para conservar o seu ar, também podem ter este tipo de problema.

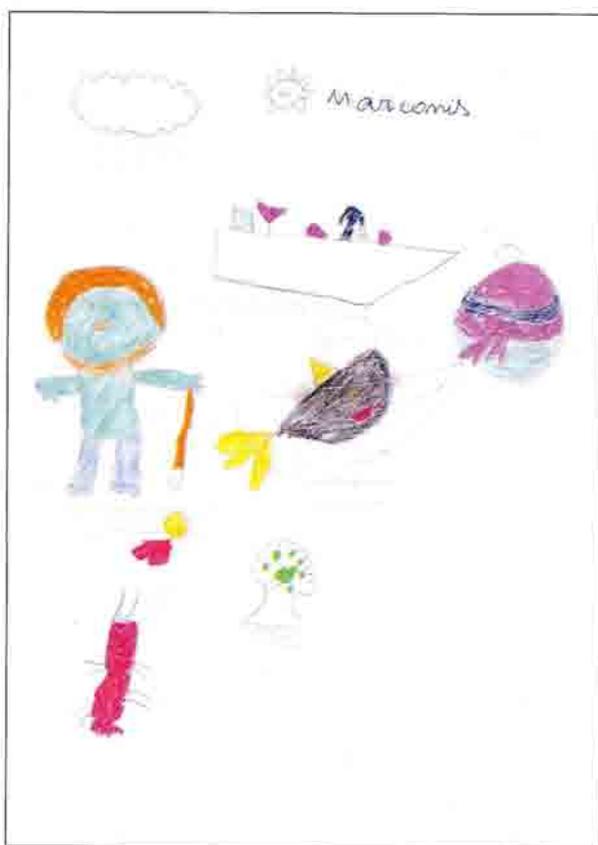
Além disso, o mergulho pode causar intoxicações pelos gases que se respiram. Mais ou menos a partir de 30 metros de profundidade, os mergulhadores podem apresentar efeitos narcóticos do nitrogênio, parecidos com os das bebidas alcoólicas, com alterações do juízo, do pensamento e da capacidade motora: *“você fica bebinho, como se tivesse bebendo. O ar deixa ficar assim mesmo”*.

“[As vezes, quando sobe] você fica desorientado, sem saber o que fazer. Quando sobe pra cima, demora um bocado, depois torna de novo. Aí volta ao normal...”

Um problema que deve ser discutido à parte é o do ar do compressor: *“o ar [do compressor] tem gosto de óleo. Tem uns*

que não têm, mas a maioria tem. Por causa do motor, porque trabalha encostado no motor e aí chupa toda a fumaça e joga dentro do cabeçote e ele distribui.”

O gosto de óleo pode ser devido à presença de gotinhas de óleo, que formam uma névoa. Ela pode prejudicar o pulmão. Mas, além disso, o ar deve ter gases de combustão do motor: fumo de óleo queimado (que pode ser cancerígeno), monóxido do carbono e óxido de nitrogênio, um irritante pulmonar. Os mergulhadores



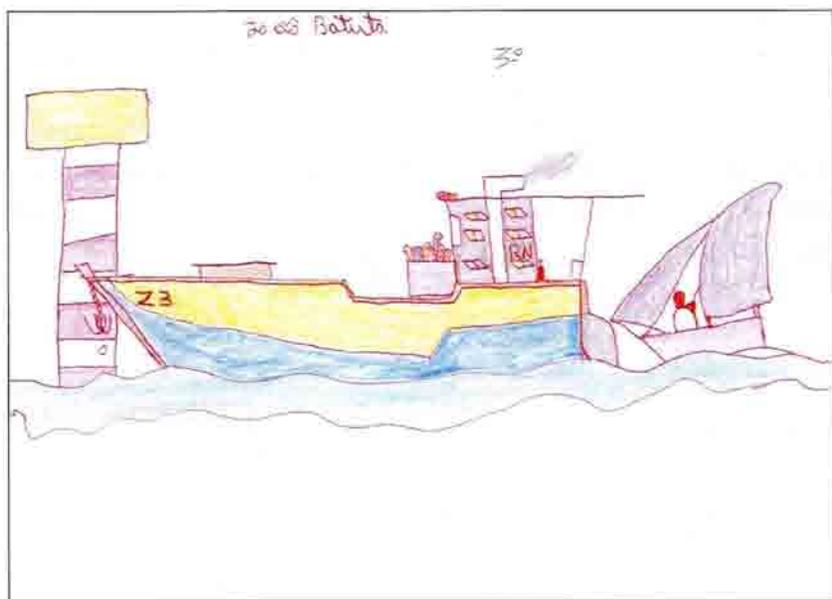
sabem destes perigos: ***“o ar do compressor prejudica a gente, acaba com o pulmão da gente.”***

Por todos esses motivos, o mergulho é considerado uma atividade profissional com **grau máximo de insalubridade pelas normas brasileiras de segurança e medicina do trabalho.**

Mas como os mergulhadores são trabalhadores informais, e, pior que isso, clandestinos, ficam totalmente desprotegidos de qualquer medida de segurança.

Em resumo, o trabalho do pescador é desgastante. O do mergulhador é mais ainda. As conseqüências do trabalho em ambiente hiperbárico são graves. É difícil encontrarmos um mergulhador que não tenha tido, ao menos, um acidente no mergulho, gerando seqüelas. Embora reconheçam a gravidade da situação, os pescadores convivem com esta realidade. Poucos são os que param espontaneamente e, quando o fazem, é porque não agüentam mais a rudeza do trabalho:

“Eu mergulhava, mas agora não mergulho mais. Estou ficando velho, não presto mais para mergulhar. Caí doente de mergulho já umas duas ou três vezes, não quero mais arriscar”.



Outros perigos do mar

“O mar é uma coisa tão difícil que só vendo pra crer. A gente se acomoda num barquinho tão pequeno que só Deus sabe. Ele diz assim: ‘eu vou botar a mão aí’...”

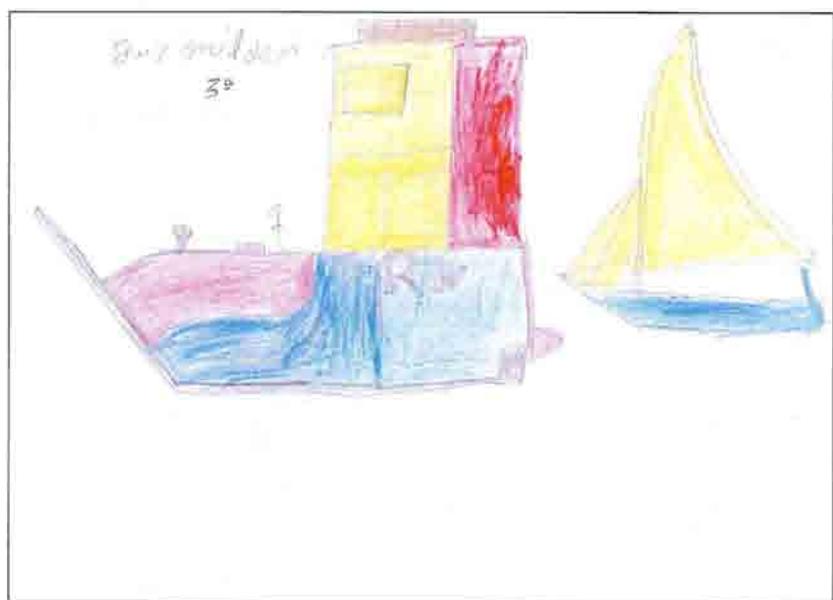
As atividades no mar são consideradas as mais perigosas do mundo, mais do que a dos que lidam com fogo, mais do que as dos policiais, conforme diz um relatório de especialistas internacionais, entre eles brasileiros, reunidos pela Organização Internacional do Trabalho⁴, em 1999, para discutir a segurança do setor da pesca e propor medidas para melhorá-la em todo o mundo.

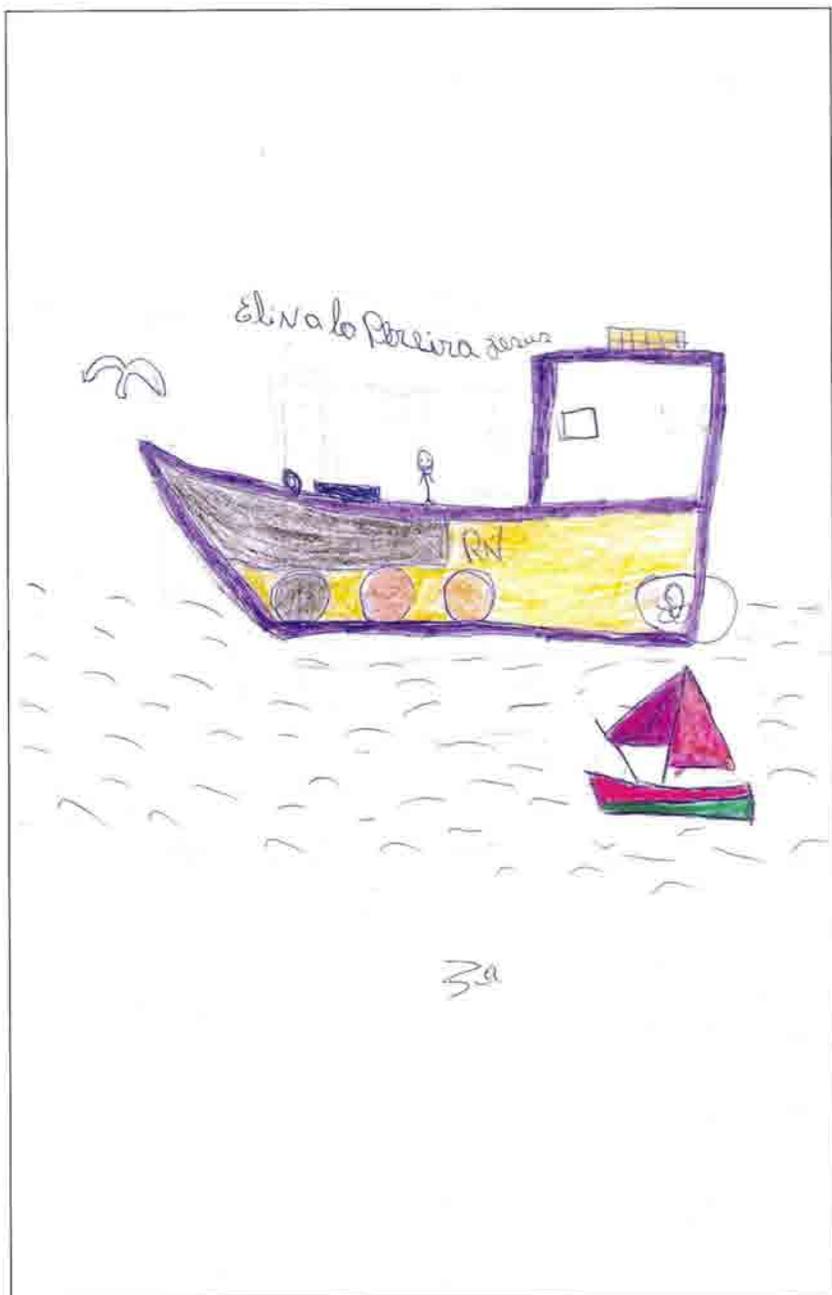
Os trabalhadores do mar estão submetidos a toda sorte de riscos: naufrágios de embarcações, afogamentos, acidentes com animais. Além disso, como diz o relatório, “um importante número de pescadores trabalha em condições que estão abaixo dos padrões mínimos e as violações dos direitos humanos básicos são comuns.” Sem citar os casos de pirataria, que as vezes provocam lutas mortais entre os contendores.

Não é diferente para os que se dedicam à pesca de lagosta, que além de mergulhadores são também pescadores. As histórias que eles contam aconteceram com eles mesmos ou com pessoas suas conhecidas. Como a que escolhemos para contar aqui, a história do barco que virou.

4 Em **Organização Internacional do Trabalho**, OIT: *La profesión más peligrosa. Trabajo*, n° 33, pp 22-23, 2000.

“Acontece também de barco virar. Eu tive um barco que virou. Eu estava pescando de um dia pra outro. O mar brabo, chovendo. Aí, meio dia, aconteceu. Tem um barco que estava num prego. Aí, ele pediu pra gente trazer ele pra terra. Estávamos amarrando as cordas para rebocar. Quando terminamos de amarrar as cordas no bote pra vir embora, só a gente estava no mar aqui embaixo. A gente ia vindo pra cá, o mar estava perigoso, brabo, grande... Não deu tempo de dois minutos que o bote começou a andar. Ninguém esperava nada, ninguém ouviu onda nem nada, ninguém pensou em dizer ‘lá vem a onda!’. Ninguém podia ter feito nada, porque foi rápido. Pegou o bote. [a onda]era grande. Quando pegou, virou. Aí, todo mundo embaixo d’água, atrás de sair, sair. O Fulano foi o primeiro a tentar desligar o motor. Quando ele chegou perto, o bote já estava virado e ele só. Não estava afundando ainda e ele ficou por lá e tentou desligar o bote. Demorou uns três minutos, quatro minutos, dez minutos pra ele sair. A gente preocupado. Tudo boiando. A caixa de comando estava desarrancada, tudo fora, tudo quebrado. A gente preocupada com o Fulano, se aperreando, com vontade de chorar. Virgem! Ainda bem que eu estava calmo, se não tivesse a gente não ia achar ele. A gente procurando ele, mas não encontrava. ...Com vontade de chorar. Aí, depois de uns cinco minutos, ele apareceu, foi alegria! Amarramos umas cordas, acudimos. Aí, pronto.”





Parte III

**1 - História da pesca da lagosta
por mergulho com o uso do compressor**

2 - Pesca artesanal X pesca industrial da lagosta

3 - Propostas dos pescadores para mudar a situação



História da pesca da lagosta por mergulho com o uso do compressor

“Quando veio o compressor, era o mesmo que a gente ver uma onça! Neguinho tinha o maior medo de morrer!”

Nem sempre foi assim a vida e o trabalho destes pescadores de lagosta. Os mais velhos relembram que, em tempos passados, a pesca da lagosta era feita com armadilhas: *“antigamente, pescaria de lagosta era só sobre covos, manzuá”*. A pesca com estas armadilhas é descrita a seguir:

“O covo é feito de uma armação de pau. Então, cobre com umas telas de arame e deixa a sangra, que é o buraco pra lagosta entrar, num modo que ela não saia. Ela entra mas não sai, porque ela é meio burrinha..... O pescador bota 10 covos em cada fila: 10 covos, 20 covos, 30 covos, 50 covos... Primeiro covo da frente, você bota uma fateixa, uma pedra que segura ele lá no chão. Aí, bota um covo. Daquele covo, amarra uma corda, bota outro covo. Daquele covo ali, amarra outra corda, bota outro covo e sai colocando, amarrando de um pra outro....A gente tem que trabalhar com mil e duzentos covos....O covo vai iscado. E no final, bota uma bóia. No último, bota uma bandeira. Volta pra casa. No outro dia, vai despescar: suspende tudo, tira as lagostas que tiver, enche de isca de novo e coloca de volta, arria de novo.”

Para pescar com os covos, é preciso de muita astúcia. Foi ela que ajudou os pescadores a criar a *saçanga*, “o melhor armamento que tem; ali você mede o tamanho da fundura. [No barco, o pescador] vai olhando o mar. Local escuro é lugar de pedra: claro, é areia. Saçanga é um pedaço de ferro pesado, com um buraco. Enche de sabão, amarra ele numa linha e sai procurando. Quando o ferro bate embaixo, melado de sabão, o cascalho bate e vem agarrado no sabão. Aí, o cara sabe que é o cascalho, que ali é bom. Aquele cascalho, a gente já sabe, conhece. Aí, arreja os covos.”

Mas, várias circunstâncias foram fazendo com que este método de pesca fosse perdendo a eficiência: “quando existia pesca de covo, a lagosta tinha uma época que ela caía. Quando ela não queria cair, começou o mergulho. Aconteceu comigo: as lagostas, feito que nem abelha em cima do covo, não entram . Tem época que ela cai, tem época que o cara diz que não tem nenhuma e está cheio. É manobrado por Deus... O cara puxando os covos secos e elas lá”.

Ao mesmo tempo, com o aumento da competição entre os pescadores, se acirraram as disputas entre eles no mar e o roubo de covos: “inventaram um tal de pacote. Eu tinha todo o trabalho, levava o dia todinho para organizar os covos e chegava o tal de pacote, metia a faca e cortava o meu material. Era prejuízo no bolso. Tirava minha produção, cortava metade e roubava os outros.”

Foi nesse quadro que apareceu a pesca com mergulho, que continua até hoje. No início, a pesca com mergulho era uma novidade que assustava os pescadores:

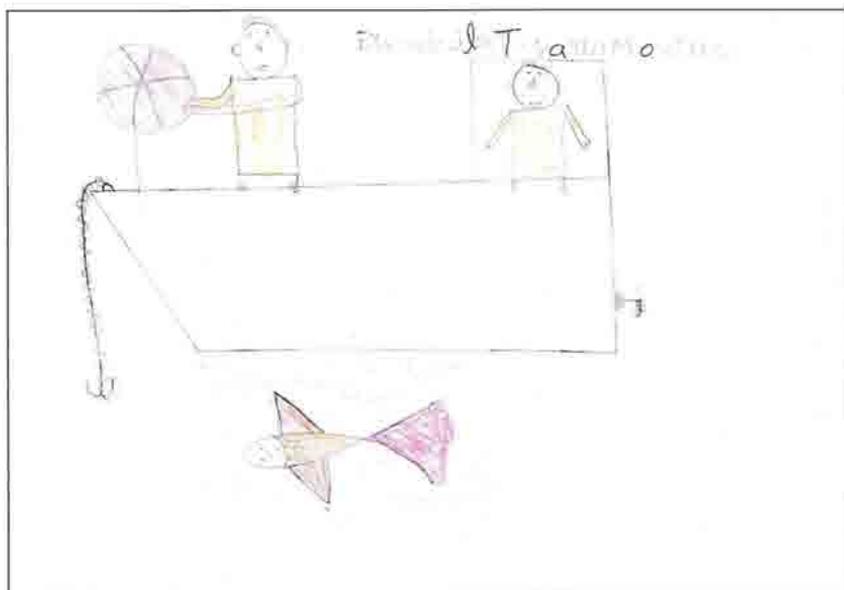
“Quando comecei a mergulhar, era para tirar cisco [alga marinha]. Não existia máscara. Depois veio a máscara. Depois veio o pé de pato, agarrava os pés, ninguém sabia mergulhar...Aí, depois veio o suspirador, aquele cano, que a gente mergulhava sem o suspirador. Depois, veio o compressor: era o mesmo que a gente ver uma onça! Neguinho tinha o maior medo de morrer! Aqui, ninguém queria.... E foram se acostumando, agora está todo mundo. Cada um foi tentando, com medo. Com medo, foi perdendo. Perdendo o medo, pronto!”

Segundo a lembrança dos pescadores, isto tudo aconteceu já há bastante tempo: *“que eu me lembre, acho que tem mergulho com compressor aqui desde os anos setenta, 1976, 77”*. Mas pesquisadores⁵ contam uma história mais antiga: que em 1955 chegou em Rio do Fogo, no Rio Grande do Norte, um paraibano chamado Fausto que dizia ser mergulhador profissional. Ele percebeu que pescar lagostas através do mergulho era uma atividade altamente lucrativa. Então, começou a ensinar algumas técnicas de mergulho livre aos pescadores. No entanto, foi só em 1966 que se começou a usar o compressor, e houve um grande aumento na pesca da lagosta. Neste mesmo ano, morreu o primeiro mergulhador. A Capitania dos Portos começou reuniões em Rio do Fogo com os donos dos barcos, para desestimular o mergulho, alegando dois motivos: o seu perigo para os pescadores e o perigo da extinção das espécies, pela captura de lagostas jovens.

Desde que a pesca com mergulho foi instituída, ela não parou

⁵ Em Isaac Cristiano de Freitas: *Caracterização da pesca da lagosta com uso do mergulho*. Monografia apresentada ao Departamento de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco, para obtenção do grau de engenheiro de pesca. Recife, 1995.

de crescer; praticamente todos os pescadores destas colônias se dedicam a ela. São muito poucos os que continuam a praticar outros tipos de pescaria. Além da lagosta render mais economicamente- é a pescaria que tem os melhores preços no mercado- há também escassez de outras pescarias e falta de outras oportunidades de trabalho. ***“A gente não aprendeu a fazer outra coisa, só pescar.”***



Pesca artesanal x pesca industrial da lagosta

“A rede é do mais forte...”

Os dois métodos de pesca de lagosta por mergulho que descrevemos até agora, o mergulho livre e o mergulho com compressor, fazem parte da considerada “pesca artesanal”. São praticados em barcos pequenos, de **“no máximo dez metros”** de comprimento e que, por isso, não podem se aventurar em viagens muito longas nem ir a águas muito profundas, em alto mar ou **“lá fora”**, como dizem os pescadores.

Estas limitações não existem para outros tipos de embarcações, que praticam a “pesca industrial” da lagosta. Segundo os pescadores, são **“botes grandes”**, que chegam a **“quarenta e cinco metros de comprimento”**, fortes, pois são **“navios de ferro”**, aparelhados **“com frigorífico e tudo”**, com uma tripulação numerosa e até com equipes se revezando **“para aproveitar e não parar a pescaria”** e que fazem longas viagens, **“de 20 dias, um mês, pescando lá fora”**, em águas profundas. São embarcações **“de firmas grandes, com muitos barcos”**, nacionais (**“de Natal, do Recife, do Ceará”**) e até estrangeiras, **“que vem lá de fora, do Japão, Espanha, Alemanha, Coréia”**.

Estes barcos pescam lagostas com enormes redes: **“eles jogam a rede pela tarde e puxam pela manhã, logo cedo”**.

Os pescadores também contam que estas embarcações não respeitam as delimitações das áreas de pesca e vem pescar em setores que não lhes pertencem. Como são mais fortes, não deixam nin-

guém ***“passar nem por perto”***. Intimidam os pescadores, ***“tomam o material dos barcos e querem dar nos tripulantes”***. Alguns andam até armados e ***“botam a gente pra correr”***. Eles são ***“perigosos: basta avistar o nosso barco se aproximando, eles já vêm onde você está e já manda sair daquele lugar.”***

Para os pescadores, este tipo de pesca praticada pelos grandes barcos acaba com as lagostas, por dois motivos.

1 - pela grande quantidade de lagosta capturada, muito superior àquela pescada por pequenos barcos: ***“aqui, um bote passa a semana mergulhando de compressor, pega um quilo, dois quilos de lagosta. E eles, é muito mais: duzentas, trezentas lagostas por dia, eles pegam de rede”***.

2 - por se tratar de uma pesca predatória: ***“a rede acaba quase com a lagosta. Se o barco trouxer trezentos quilos, vai ter cento e cinqüenta quilos de lagosta ovada. Se pegar uma tonelada de lagosta, com certeza vem mais de meia tonelada ovada”***.

Por esses motivos, os pescadores artesanais desabafam: ***“são eles quem acabam aqui com a lagosta da área da gente. Eles dizem que é a gente quem acaba, mas quem acaba são eles. Com a rede, pega lagosta ovada e tudo. A gente vai mergulhar e eles não deixam a gente mergulhar lá perto do material deles.”***

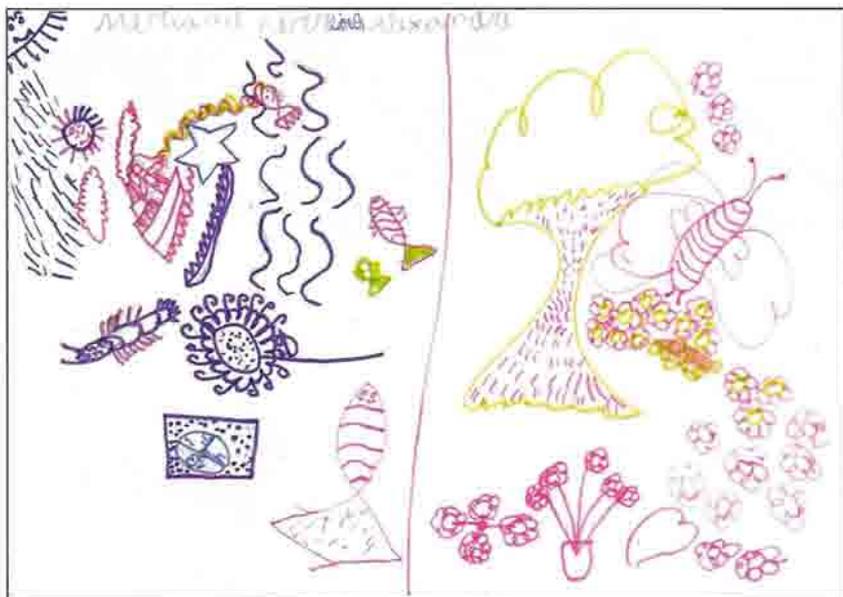
Toda esta situação, porém, não impede que os pescadores de barcos pequenos também utilizem redes, chamadas de ***“caçoeiras”*** ou de ***“redes para lagostas”***, que atingem o fundo do mar e

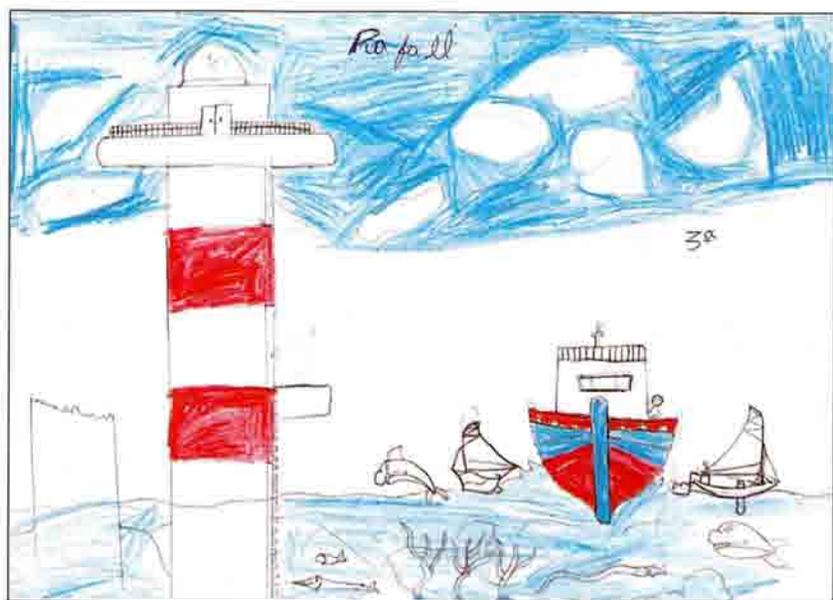
“ficam deitadas nos cascalhos”.

[A gente] “arreja a rede com uma garatêia, bota a isca e ela passa a noite no balanço do mar, jogando. Quando é de manhã, o barco puxa. Quando se puxa a rede, vem enrolando ela como se fosse um charutinho ou um charuto gigante...Vem tudo: vem pedra, vem areia, vem coral e a lagosta fica lá no meio.”

Só que neste caso, os barcos não vão muito longe, ficam **“do parracho pra terra”** e tem redes muito menores.

É importante lembrar que o uso de caçoeira para a pesca da lagosta é proibido.





Propostas dos pescadores para mudar a situação

“Só quem podia acabar com o compressor era o Presidente da República; botasse uma ordem mesmo pra acabar e botasse alguém pra fiscalizar.”

Os pescadores de lagosta são os primeiros a reconhecerem a precariedade de seu trabalho:

“Eu acho que se acabasse com o compressor era melhor. O compressor é ruim. Quase todo ano, do lugar da gente, morre um, aleija um.... E assim vai se acabando um e outro e aleijando...”

E, se continuam a realizá-lo, apesar de todos os sofrimentos e perigos, é porque não têm, ou não vêem, nenhuma saída rápida e fácil para o problema: *“Pra mudar, a gente precisa de muito apoio. Eu nem imagino como é esse apoio.”*

Pois o problema é antigo e conhecido das autoridades e, ao longo do tempo, todas as iniciativas para resolvê-lo não deram resultados. Eles sabem que é preciso uma conjunção de esforços, de diversas partes e em vários níveis, para reverter a situação.

Mesmo assim, têm várias sugestões para mudar a situação, que passam por uma análise do que está acontecendo.

Uma das preocupações dos pescadores é a escassez das lagostas. Eles sabem que se a pesca com compressor continuar, as lagostas, que já *estão poucas*, acabarão. ***“Se acabasse com os compressores era melhor porque a lagosta juntava mais, a gente ganhava mais dinheiro”***. Mas, ao mesmo tempo, também sabem que a pesca com compressores é mais eficiente do que a realizada por outros métodos e, a curtíssimo prazo, garante o seu ganho. Pois há sempre compradores para a lagosta e o seu preço é melhor do que o das outras pescarias. ***“Dez quilos de lagosta é equivalente a vinte, trinta quilos de outro produto. A lagosta é a que tem mais preço. Aí, o pescador, já sufocado, vai lá e pesca.”***

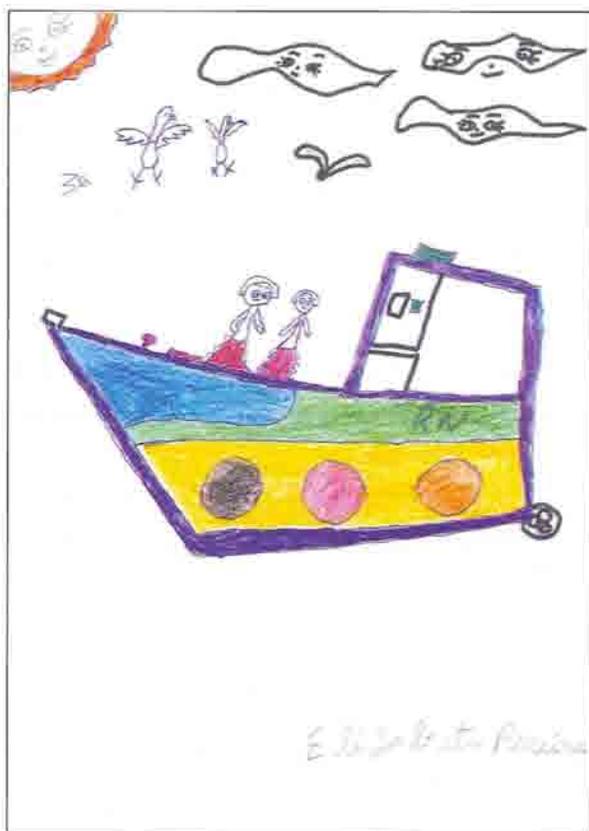
Esta contradição coloca-os frente a um dilema: continuar a pescar com compressores e se arriscar a morrer e a acabar com as lagostas ou parar de pescar. Mas, nesse caso, fazer o quê?

A única medida que vêm para resolver este dilema é proibir, de vez, o compressor. De **vez** e generalizadamente, pois se a proibição for localizada, não surtirá nenhum efeito, e poderá até piorar a situação. Os pescadores se afastariam da região proibida para pescar em outras partes como, aliás, já vêm fazendo, aumentando ainda mais as disputas e conflitos entre eles. ***“Aí, tinha que todos os lugares também fazer a mesma coisa, se não, sai daqui e vai pescar lá.”***

Por isso, a interdição da pesca de lagostas por mergulho, com compressores e livre, que, aliás, já existe por lei, deveria ser feita pelos órgãos competentes, em âmbito nacional: ***“se proibisse compressor de ir pra dentro d’água, aí era uma boa. E não só aqui. É nas autoridades de lá, o IBAMA com a Marinha.”***

Mas aí surgem as deficiências destes órgãos; o IBAMA, por exemplo, não tem nem pessoal suficiente nem estrutura para fazer uma fiscalização generalizada.

Na falta dessa solução geral, parece que as soluções mais locais não têm muito crédito. Os pescadores se lembram do caso de



Redonda, em Icapuí, no Ceará, um dos únicos lugares onde não existe a pesca com compressores no nordeste. Essa história é famosa⁶ e foi noticiada até pela imprensa. Os pescadores conseguiram mobilizar toda a sua comunidade para lutar contra os compressores. A luta foi violenta, até com mortes. Mas eles conseguiram impedir que barcos com compressores lá entrassem e continuam a pescar com covo, ***“porque lá o pessoal sabe que o covo dá mais lucro pra eles, não falta produção nunca”***. Como eles conseguem impedir que alguém vá pescar lá no mar deles e roubar os covos deles? É porque ***“lá os barcos são tudo armados!”***. ***“Redondeiro lá anda tudo armado no mar, eles já investiram o dinheiro deles em rede e manzuá”***.

As experiências dos pescadores com as autoridades são tão negativas - ***“aqui já veio governador, deputado, senador, o chefe da pesca lá de Brasília, as maiores autoridades do setor pesqueiro e até hoje, nada”*** - que eles só vêm uma solução para acabar com os compressores: a interferência do Presidente da República.

“Quem podia fazer isso [acabar com o compressor] era o Presidente, do governo federal. Ele é que tem que fazer isso. Ele é que tem forças”.

Supondo-se que a pesca com compressores fosse banida definitiva e totalmente, outras soluções são levantadas. Mas todas elas necessitariam de investimentos e de apoio externo.

6 Ver, por exemplo, a dissertação de mestrado em Sociologia na Universidade Federal do Ceará, de José Ribeiro Neto, ***A pesca e os pescadores de Beberibe: natureza, especialização e conflito***, 1993 e também a dissertação de mestrado em Economia Rural na Universidade Federal do Ceará, de José Wilson Galdino, ***A Intermediação e os problemas sócio econômicos no defeso da pesca de lagosta em Redonda, Icapuí (CE)***, 1995.

Por exemplo, para se continuar a pesca da lagosta, poderia se voltar a utilizar outros equipamentos de pesca. Muitos pescadores acreditam que o **covo** poderia ser uma solução embora outros sejam mais pessimistas: *“já deu muita lagosta de rede, mas agora não está dando mais que nem era. Covo também não tem futuro. Só se for lá pro fundo.”*

Os que defendem o covo lembram que *“quando existia pescaria só de covo, nunca se acabava a lagosta.”*

Além disso, dizem que o covo poderia gerar outros empregos e ajudar até a *“criança não ficar mais na rua”*. *“A melhor maneira de melhorar nossa situação, de nossa cidade, é pescando covo. Porque no covo ganha dinheiro o pescador, ganha dinheiro a pessoa que faz a tela, a pessoa que arma a grade do covo, a pessoa que rapa o pau pra fazer o covo. Vai dar ganho aqui a várias pessoas. O compressor só vai dar ganho ao mergulhador”*.

No entanto, para se mudar o método de pesca, seriam necessários investimentos: *“o compressor, você compra hoje e ele vai durar, 8, 10 anos. No covo, de 3 em 3 meses, o cara vai ter que investir, tem muito equipamento que comprar: tem que comprar corda, bóia, comprar arame, já vai pagar pra fazer a tela, já vai pagar pra fazer o covo. Tudo é dinheiro que vai. É uns 5 mil reais, no mínimo. Agora, tem muito barco que está precisando de conserto, de motor, de casco...”*

“O pessoal investiu no compressor. Como é que vai ter condições de jogar fora, tocar fogo e comprar manzuá e rede para pescar? Não tem condições.”

Seriam também precisos ***“critérios pra gente fazer o barco maior, porque pra botar covos tem que ser barcos grandes”***. Além disso, ***“hoje em dia estão botando covo pra pegar peixe”*** e isto podia gerar mais empregos.

Também no caso de se privilegiar a pesca de lagosta, os pescadores têm sugestões para a mudança da época do defeso: ao invés de cair num período de as ***“águas limpas”***, deveria cair num período de ***“águas sujas”***, onde é mais difícil e perigoso pescar, o que desestimularia a pesca.

Os investimentos também seriam necessários para estimular outras atividades: ***“se tivesse um investimento, se o governo investisse na pesca, as pessoas pescavam outro tipo de pescaria que tivesse. Tem muitos tipos de pescaria”***.

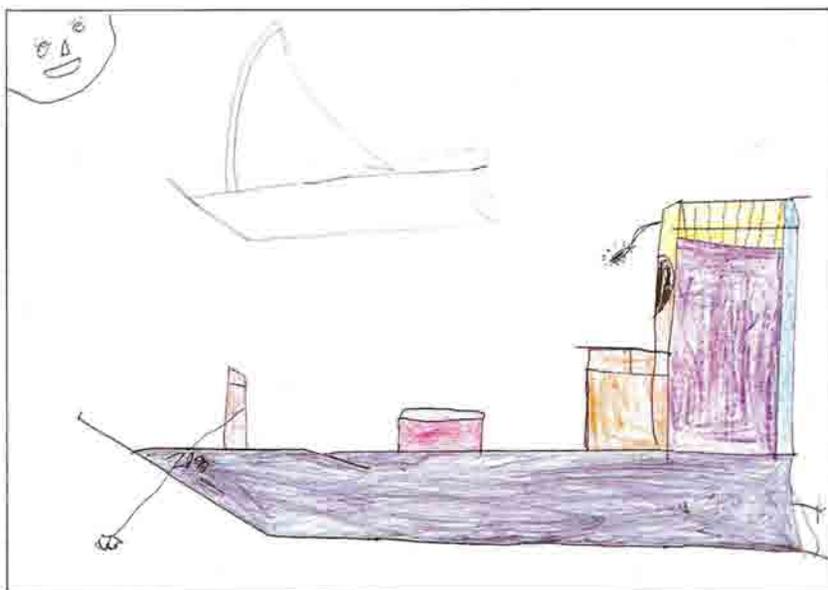
Além das pescarias, poderia se pensar em desenvolver outros tipos de atividades, aproveitando melhor os recursos da região. Por exemplo: os pescadores contam que, numa das colônias, as mulheres têm uma atividade de catar ***“cisco”***, um tipo de alga marinha. Elas vendem a produção para um ***“japonês”*** (a 25 centavos de real o quilo!) que teria uma fábrica na Paraíba, onde esse cisco seria tratado e produziria uma espécie de ***“pudim”***, de alto valor comercial, exportado. Ao que parece, este tipo de recurso poderia ser melhor explorado por brasileiros e gerar mais e melhores empregos. ***“Mas teria que vir a indústria lá de fora.”***

Com mais investimentos, os pescadores também poderiam encontrar outras formas de organização e gerenciar melhor o seu negócio: ***“se dessem condições para o pescador, ele não ia se rebaixar ao comprador. Ele ia só vender a lagosta pelo preço que pudesse vender”***

Finalmente, os pescadores gostariam de ter mais oportunidades, aprender outras coisas.

“A gente não aprendemos a fazer outra coisa, só pescar mesmo. Então a gente está de olho só pra ver se pesca uma lagosta, porque não sabe fazer outra coisa. Porque se eu soubesse fazer outra coisa, não faria mais trabalho com pesca. Eu não queria mais nem ver a praia. Mas não sei fazer outra coisa. Aí, tenho um barco ali. Compro fiado a um, fico devendo a outro, lá vai. Pra dizer que tem barco, só pra dizer, porque lucro não me dá não.”

“Se não tiver uma pessoa que oriente a gente...Um cara analfabeto precisa de muita inteligência para saber administrar a coisa” pois “se for montar uma cooperativa e for entregue na mão de uma pessoa da praia, quebra tudinho, não funciona nada, porque eles não vão ter medo daquela pessoa nem respeitar aquela pessoa.”





Rafael de Assis

Parte IV

Conclusões

Conclusões

Tudo o que contamos até agora nos foi relatado pelos próprios protagonistas desta perigosa aventura que é o trabalho de pescar lagostas por mergulho.

Recapitulemos o que estes trabalhadores nos ensinaram:

1. que se dedicam à pesca da lagosta há muitos anos;
2. que esta pesca é feita, atualmente, através de dois métodos de mergulho: **“com compressores”** e **“no peito”** ou **“livre”**;
3. que o mergulho tem causado muitos casos de morte e de aleijamento nos que o praticam;
4. que sabem que a maioria destes problemas são causados pelas diferenças de pressão que o mergulho acarreta;
5. que sabem que, para evitar ou minimizar estes problemas, deveriam mergulhar controlando melhor as profundidades e os tempos de mergulho (compressão e descompressão);
6. que não praticam estas recomendações porque não têm condições de controlar com precisão nem os tempos nem as profundidades, e principalmente porque há uma grande concorrência entre pescadores, o que os leva a ter pressa para conseguir pegar mais lagostas, antes que outros o façam;
7. que quanto maior a avidez por produção, maior o risco de acidentes;
8. que esta concorrência tem sido motivo de graves conflitos entre eles, que muitas vezes acabam em morte;
9. que sabem que a pesca com compressores, além de perigosa para eles, está tornando sua atividade cada vez mais difícil e com menor produtividade ;

10. que só continuam a exercê-la porque sempre acham compradores para as lagostas, inclusive no período de defeso, e porque o seu preço é superior ao de outras pescarias, além de não saberem fazer outra coisa, ou ter outras oportunidades de trabalho em suas localidades;

11. que o seu problema não tem merecido nenhuma ação contínua nem efetiva das autoridades;

12. que têm várias sugestões para pescar lagostas de um modo menos perigoso para eles e menos predatório para a espécie, mas que estas soluções exigiriam uma fiscalização geral para que a proibição da pesca por mergulho com compressores e ou livre, que já é regulamentada em lei, fosse realmente efetivada em todo o litoral brasileiro;

13. que o problema da pesca da lagosta no Brasil passa também por uma maior fiscalização das empresas que praticam a pesca industrial;

14. que precisam de incentivos financeiros e de apoio técnico para empregar novos métodos de pesca de lagosta e diversificar as atividades nas colônias.

15. que gostariam de ter qualificação para outras atividades que não fossem a pesca.

Ao finalizar este estudo, podemos dizer que nossos objetivos iniciais foram não só atingidos como ultrapassados: pudemos conhecer e compreender melhor o trabalho dos pescadores-mergulhadores de lagosta e todo o sofrimento que ele causa; mas principalmente ficamos conhecendo as suas propostas para mudar e melhorar a sua situação. São propostas sensatas e perfeitamente realizáveis, de quem conhece o assunto e sabe do que fala.

FOTOLITO E IMPRESSÃO



IMPRESA OFICIAL
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE

Rua do Mooca, 1921 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 6099.0457/6099.6529
CNPJ 48.066.047/0001-84
<http://www.imprensaoficial.com.br>

MINISTÉRIO
DO TRABALHO E EMPREGO



FUNDACENTRO
FUNDACIÃO CENTRAL DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
DE EDUCAÇÃO E EMPREGO DO TRABALHO

MINISTÉRIO
DO TRABALHO
E EMPREGO

Delegacia Regional do trabalho - RN